

# PROJETO SE LIGA MOÇADA



## RELATÓRIO 2019

Realização:



Proponente:



Apoio:



Parceria:



# ÍNDICE

<b>Introdução.....</b>	<b>03 e 05</b>
<b>Apresentação do projeto Se Liga Moçada para Analistas/ Instrutores/Assistentes Sociais nos Polos do CIEE envolvidos.....</b>	<b>05</b>
<b>Capacitação e reunião com os facilitadores das oficinas nos Polos.....</b>	<b>06 a 08</b>
<b>Gravações de vídeo aulas.....</b>	<b>09</b>
<b>Oficinas aplicadas.....</b>	<b>10 a 20</b>
<b>Multiplicação dos conteúdos apreendidos pelos alunos.....</b>	<b>21 a 22</b>
<b>Formação em serviço dos instrutores do CIEE participantes do projeto.....</b>	<b>22</b>
<b>Apresentações teatrais sobre o tema.....</b>	<b>22 a 23</b>
<b>Aplicação de questionário com jovens de cada uma das turmas participantes do projeto e análise.....</b>	<b>23 a 46</b>
<b>Aplicação de questionário para levantamento da percepção dos instrutores participantes em relação ao projeto e análise.....</b>	<b>46 a 64</b>
<b>Reuniões de fechamento do projeto com os Polos envolvidos.....</b>	<b>64 a 69</b>
<b>Encaminhamento, desdobramentos e observações realizadas pelos facilitadores.....</b>	<b>69 a 76</b>
<b>Aplicação de questionário para verificação de conhecimento e pensamentos sobre a violência com os jovens.....</b>	<b>76 a 82</b>
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>82 a 84</b>



O Projeto Se Liga Moçada, trabalha como tema central a violência contra as mulheres e tem como objetivo principal contribuir para a prevenção da violência de gênero, formando jovens que se relacionem com igualdade e respeito, e sejam capazes de enfrentar o problema no seu entorno e no dia a dia.

Levar esse tema aos jovens aprendizes foi totalmente pertinente, pois:

- É justamente na transição da adolescência para a juventude que o comportamento agressivo e desqualificador se instala no jovem.
- É nesse mesmo período, que a mulher se torna passiva a pequenos atos agressivos ou machistas dos homens.
- Os quadros de agressão normalmente vêm de homens que já passaram da fase da adolescência. Por essa razão, a ideia do programa é trabalhar o comportamento do jovem objetivando a prevenção das futuras ocorrências.

A edição de 2019 do Se Liga Moçada atendeu cinquenta turmas em nove Polos distintos do CIEE no estado de São Paulo, tendo iniciado em março de 2019 com algumas reuniões de planejamento com a Direção do Programa Aprendiz CIEE, palestrantes e com a seleção dos facilitadores para viabilizá-lo.

Neste ano o projeto foi estruturado da seguinte forma:

### **1. Apresentação do projeto Se Liga Moçada para Analistas/Instrutores/Assistentes Sociais dos Polos do CIEE envolvidos:**

realização de uma reunião de apresentação da proposta e equipe para os Analistas/Instrutores/Assistentes Sociais dos Polos do CIEE envolvidos, tendo como objetivo: conhecer o projeto, enfatizar a importância do tema e sensibilizar a equipe do CIEE para se tornarem exemplo e apoiadores.

### **2. Capacitação e reunião com os facilitadores das oficinas nos Polos:**

realização de quatro capacitações para os “facilitadores” contratados, com o objetivo de garantir a uniformidade das informações, metodologia aplicada, troca de informações e relato de experiências e uma reunião de fechamento ao final do projeto para reunirmos todos os trabalhos produzidos pelos alunos e fazer uma avaliação geral de 2019.

### **3. Gravações de vídeo aulas:**

foram gravadas três vídeo aulas no estúdio do CIEE, com palestrantes de referência nessa área, para garantir a mesma informação simultaneamente para todas as turmas abrangidas pelo projeto.



**4. Oficinas aplicadas:** realização de quatro encontros por turma, realizados entre os meses de abril a julho de 2019, com o objetivo de dar ao jovem a oportunidade de conhecer, refletir, debater e produzir conhecimento sobre o tema proposto. As aulas foram interativas, com dinâmicas e debates e finalizadas com um júri e uma atividade de expansão do conhecimento realizada pelos jovens que participaram em outras turmas do CIEE.

**5. Multiplicação dos conteúdos apreendidos pelos alunos:** no último encontro os jovens puderam expandir o que aprenderam em outras turmas sensibilizando-as para uma atitude de prevenção à violência contra a mulher. Tivemos várias formas de multiplicação dos conteúdos, possibilitando assim, uma edição desse material. Conseguimos também com esta ação atingir um número maior de jovens impactados sobre este tema.

**6. Formação em serviço dos instrutores do CIEE participantes do projeto:** os instrutores participaram de todas as oficinas aplicadas aos alunos e pudemos oferecer a eles suporte metodológico e material sobre o tema de forma que não somente ampliassem seus conhecimentos, mas também pudessem se capacitar em serviço, dar sequência às discussões e escutas junto aos jovens, além de acolher suas manifestações e encaminhá-los à rede de apoio quando necessário.

**7. Apresentações teatrais sobre o tema:** realização de 14 apresentações teatrais com o espetáculo: “Meu Querer é Ser Feliz” para nove Polos do CIEE, com a finalidade de sensibilizar e provocar um debate sobre o tema, envolvendo outros jovens além dos que participavam das atividades regulares, aumentando assim, a sua abrangência.

**8. Aplicação de questionário com jovens de cada uma das turmas participantes do projeto:** realização de pesquisa em profundidade com jovens de todas as turmas no último encontro, com o objetivo de avaliar o impacto do programa em relação ao real poder de transformação de pensamentos e atitudes, promovidos pelo projeto em relação à questão da Violência contra a Mulher.

**9. Aplicação de questionário para levantamento da percepção dos instrutores participantes em relação ao projeto:** ao final do último encontro, foi distribuído um questionário contendo perguntas abertas sobre o projeto, seu impacto junto aos adolescentes, clima de trabalho da turma e pontos de melhoria para o caso da continuidade do mesmo.

**10. Reuniões de fechamento do projeto com os Polos envolvidos:** realização de reuniões para cada Polo distante da Capital (seis) e uma reunião com os Polos da Capital (três), com o objetivo de colher percepções, sugestões, críticas sobre o projeto e a sua importância para os jovens.



**11. Encaminhamento, desdobramentos e observações realizadas pelos facilitadores:** o projeto realizou acolhimento a todos os jovens que, durante esse processo, puderam relatar que sofreram ou sofrem direta e/ou indiretamente a violência e receberam encaminhamentos para as redes de apoio.

**12. Aplicação de questionário para verificação de conhecimento e pensamentos sobre a violência com os jovens:** realização no primeiro encontro, de uma pesquisa on line sobre o pensamento dos jovens em relação ao tema, usando a metodologia do marco zero. Ao final do quarto encontro, foi aplicado o mesmo questionário, como o intuito de comparar se houve mudança e de como o tema significou na vida e na visão dos jovens.

Descreveremos a seguir cada item, com registros das atividades:

### **1. Apresentação do Projeto Se Liga Moçada para Analistas/Instrutores/Assistentes Sociais dos Polos do CIEE envolvidos no projeto:**

Em 05/04/2019, foi realizada uma sensibilização para aproximadamente 50 pessoas entre Gerentes do Programa Aprendiz, Analistas, Instrutores e Assistentes Sociais dos Polos envolvidos.

A Formação aconteceu de forma presencial para os participantes da capital de São Paulo e através de vídeoconferência para os Polos distantes da sede.

Os Polos participaram e contribuíram ativamente com perguntas, depoimentos e questionamentos sobre o tema da violência contra mulher.

Os assuntos abordados foram:

- Como o projeto nasceu e parcerias;
- Objetivos;
- Vídeo elaborado sobre o projeto;
- Dados e análise dos questionários aplicados aos alunos do CIEE em 2018;
- Exemplos de cases de sucesso;
- Plano de trabalho e metodologia para a aplicação em 2019.



## 2. Capacitações e reuniões com os facilitadores que aplicaram as oficinas nos Polos:

Entre abril e agosto realizamos quatro capacitações com os facilitadores, a fim de capacitá-los especificamente em cada oficina a ser ministrada, tanto no que se refere ao conteúdo como em relação à abordagem metodológica. Estes também foram espaços para avaliarmos o percurso e desenvolvimento das ações, efetuarmos correções e trocas de experiências anteriores. Em agosto, após o encerramento das atividades nos Polos, realizamos uma reunião de fechamento com avaliações e entrega dos materiais produzidos pelos alunos.

**Primeira capacitação:** Foi realizada em 03/04/2019.

Estiveram no encontro:

Os facilitadores: Adriano, Crislaine, Carmen, Eliane e Karina; Heloisa (coordenadora geral); João Francisco Presidente do INDES - Instituto para o Desenvolvimento Sociocultural e Ambiental e a Dra. Alessandra Nuzzo – advogada de família, para tirar dúvidas sobre o assunto abordado na vídeo aula.

Durante a capacitação, foram explanados os seguintes tópicos:

- Como nasceu o projeto e parcerias;
- Resultados do projeto em 2018;
- Vídeo sobre o projeto Se Liga Moçada;
- Aplicação do projeto, questionário para os alunos e metodologia para 2019;
- Vídeo aula 1 – Panorama Geral da Violência Contra Mulher e Lei Maria da Penha - tema abordado, exercício proposto, vivências e vídeos complementares.



**Segunda capacitação:** Foi realizada em 03/05.

Estiveram presentes:

Os facilitadores: Adriano, Crislaine, Carmen, Eliane, Karina; Heloisa (coordenadora geral) e Joseane Bernardes – coordenadora da Casa Bem Querer Mulher – programa que atende as mulheres vítimas de violência doméstica, para tirar dúvidas sobre o assunto abordado na vídeo aula 2.

Durante a capacitação, foram explanados os seguintes tópicos:

- Reunião, troca de experiências e desdobramentos sobre a oficina 1.



- Discussão sobre como esse tema pode afetar direta e/ou indiretamente os instrutores do CIEE que assistem a oficina e facilitadores que aplicam.
- Mostras de desenhos, relatos e depoimentos realizados pelos alunos sobre a oficina 1.
- Vídeo aula 2 – Atendimento à mulher vítima de violência – troca de conteúdo após assistir a vídeo aula; exercícios propostos e vídeos complementares.
- Mostras dos vídeos que serão utilizados durante o exercício proposto.

**Terceira capacitação:** Foi realizada em 04/06.

Estiveram no encontro:

Os facilitadores: Adriano, Crislaine, Carmen, Eliane, Karina; Heloisa (coordenadora geral) e Sérgio Barbosa – coordenador técnico do Projeto Tempo de Despertar - programa que atende aos homens autores de violência doméstica contra as mulheres, para tirar dúvidas sobre o assunto abordado na vídeo aula 3.

Durante a capacitação, foram explanados os seguintes tópicos:

- Troca de experiências e desdobramentos sobre a oficina 2.
- Mostras de desenhos, relatos e depoimentos realizados pelos alunos sobre a oficina 2.
- Vídeo aula 3 – Relações de Gêneros e Masculinidades – troca de conteúdo após assistir a vídeo aula e exercícios propostos.
- Vídeos complementares sobre o assunto abordado.
- Dúvidas e conceitos com Sérgio Barbosa.



**Quarta capacitação:** Foi realizada em 03/07.

Estiveram no encontro:

Os facilitadores: Adriano, Crislaine, Carmen, Eliane, Karina; Heloisa (Coordenadora Geral).

Durante a capacitação, foram explanados os seguintes tópicos:

- Troca de experiências e desdobramentos sobre a oficina 3.
- Entrega de material sobre as discussões dos alunos em sala na oficina 3.
- Preparações para a oficina 4 – dinâmica, fechamento do ciclo e apresentações dos alunos.
- Perguntas e aplicação do questionário de avaliação do projeto para instrutores e alunos.



- Vídeo complementar sobre o assunto abordado.
- Aplicação do questionário – pós, on line, para os alunos.
- Estruturação do questionário a ser aplicado aos Instrutores do CIEE.
- Estruturação do questionário com questões abertas e em profundidade a ser aplicado aos jovens participantes do projeto.



**Reunião de fechamento do projeto com os facilitadores: Realizada em 07/09.**

Estiveram presentes:

Os facilitadores: Adriano, Crislaine, Carmen, Eliane, Karina e Heloisa (Coordenadora Geral).

Durante a reunião, foram discutidos:

- Avaliação geral do projeto – sugestões e pontos de melhoria.
- Trocas de experiências da oficina 4 e entrega do material gerado com as apresentações e produções dos alunos.
- Retenção de todo material produzido nas oficinas; registros e observações durante o processo.
- Entrega das avaliações preenchidas pelos alunos e instrutores participantes.
- Depoimentos dos facilitadores sobre o que representou para a participação no Se Liga Moçada.



### 3. Gravações de vídeo aulas:

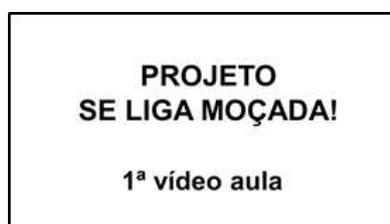
Entre os meses de março a junho foi gravadas vídeo aulas com os palestrantes nos estúdios do CIEE na Rua Tabapuã. Para isso, foi confeccionado um roteiro com os temas a serem abordados com cada palestrante e contamos com a equipe do CIEE para nos auxiliar nas edições.

Todos os palestrantes são referências em suas áreas e trabalham atualmente com o tema da violência contra a mulher.

São eles:

#### Vídeo aula número 1:

Gravado com a Dra. Maria Gabriela Manssur – Promotora Pública do Ministério Público do Estado de São Paulo e a Dra. Alessandra Nuzzo, advogada de família – como tema: Panorama geral contra a violência contra mulher: formas e ciclo da violência, estatísticas brasileiras, Lei Maria da Penha e casos reais.



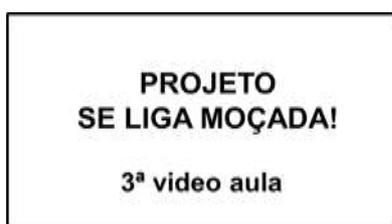
#### Vídeo aula número 2:

Gravado com a Joseane Bernardes – assistente social e coordenadora da Casa Bem Querer Mulher - Leste, que atende mulheres vítima de violência doméstica, como tema: Atendimento a mulheres vítimas de violência.



#### Vídeo aula número 3:

Gravado com o Sergio Barbosa – sociólogo e coordenador técnico do Projeto Tempo de Despertar - programa que atende aos homens autores de violência doméstica contra as mulheres, com o tema: Relações de Gêneros e Masculinidades.



#### 4. Oficinas aplicadas:

Durante os meses de abril, maio, junho e julho de 2019, as oficinas foram aplicadas em **1.408** (média entre os quatro meses) jovens aprendizes dos Polos: Bacelar, Barueri, Butantã, Campinas, Guarulhos, Jundiaí, Liberdade, Osasco e São Caetano do Sul, perfazendo um total de **50 turmas** atendidas.

Abaixo os atendimentos por Polo (mês a mês):

POLOS	Número de jovens atendidos diretamente nas oficinas (mês a mês)				
	ABRIL	MAIO	JUNHO	JULHO	TOTAL DE ATENDIMENTOS
Bacelar	138	131	120	135	524
Barueri	208	205	159	165	737
Butantã	141	148	130	137	556
Campinas	155	151	160	158	624
Guarulhos	172	156	155	143	626
Jundiaí	137	127	148	126	538
Liberdade	148	156	162	138	604
Osasco	248	247	242	214	951
São Caetano do Sul	113	118	117	125	473
<b>TOTAL</b>	<b>1.460</b>	<b>1.439</b>	<b>1.393</b>	<b>1.341</b>	<b>5.633</b>

#### Oficina 1 – Abril de 2019 - de 08 a 26/04

No início da oficina 1 aplicamos a todos os aprendizes um questionário on line sobre o tema, para que pudéssemos verificar como são seus pensamentos e conhecimentos em relação à violência contra a mulher.

Após a aplicação, iniciamos uma sensibilização sobre a importância do projeto, seu formato e a participação de todos.



Passamos a vídeo aula nº 1 aos alunos que tratou do Panorama Geral da Violência contra a mulher, índices, formas de violência, ciclo da violência, Lei Maria da Penha e casos reais e seus desdobramentos com as Dras Maria Gabriela Manssur e Alessandra Nuzzo.

Após o vídeo, foi aplicada uma dinâmica na turma sobre a violência e seus índices com os alunos, fazendo com que a própria sala enxergasse o quanto a violência está próxima de nós e não nos damos conta disso.

Por meio da dinâmica aplicada com os jovens, ouvimos numerosos e expressivos relatos de situações de violência doméstica vividas ou presenciadas por eles em suas famílias, o que gerou um trabalho de acolhimento e encaminhamento de alguns jovens para a rede de apoio, para as assistentes sociais dos Polos e para o Projeto Bem Querer Mulher via Joseane Bernardes.

Os índices gerais sobre a violência contra mulher apresentados na aula são chocantes e amplificados pela violência em geral. A dinâmica realizada confirmou essa realidade, pois a maior parte dos jovens relatou ter a violência muito próxima de si.

Muitas aprendizes se sensibilizaram com o tema e se sentiram confortáveis para exporem fatos que aconteceram com elas para a sua turma. Presenciamos angústias, inseguranças, desesperos, medos e muitas incertezas no rosto desses jovens ao exporem seus relatos e marcas que poderão ser amenizadas, mas jamais apagadas.

Também foi relevante, a percepção dos meninos como “privilegiados” nessa sociedade machista na qual estamos inseridos e como é difícil abrir mão de alguns “privilégios” conquistados através da história.

Com essa vivência aplicada, pudemos confirmar o quão necessário e importante se faz falar sobre este assunto com os jovens, maiores vítimas da violência no país. Infelizmente este tema não faz parte do currículo das escolas públicas.

Acreditamos que espaços como esses deverão ser cada vez mais abertos, atuando na prevenção e reflexão de comportamentos e atitudes, para não podermos alimentar ainda mais esse ciclo de violência e para que possamos viver com mais dignidade, igualdade e respeito a todo o ser humano.

Número total de alunos atendidos no mês de abril: **1.460 aprendizes.**



## Oficina 2 – Maio de 2019 - de 06 a 30/05

O segundo workshop nos Polos envolvidos pelo Projeto Se Liga Moçada teve o tema central: “Atendimento à mulher vítima de violência doméstica” com a palestrante Joseane Bernardes – coordenadora da Casa Bem Querere Mulher da Zona Leste. Ela abordou toda a rede de apoio que está à disposição da mulher, caso sofra algum tipo de agressão e queira ser ajudada.

Nesta segunda atividade desenvolvida, obtivemos uma resposta mais imediata, calorosa e aberta por parte dos aprendizes com o tema abordado.

Percebemos que os aprendizes mais sensibilizados e dispostos a dialogar, mais envolvidos com a importância do assunto e principalmente entendendo sua responsabilidade no sentido da multiplicação dos conhecimentos apreendidos a outras pessoas não participantes deste projeto.

Nessa oficina os aprendizes puderam conhecer sobre a ampla rede de apoio que envolve o atendimento à mulher vítima de violência doméstica como: UBSs, centros de referências, projetos específicos de atendimento à mulher como o Bem Querere Mulher, Delegacias da mulher, Ministério Público (defensoria pública), Juizado de Violência Doméstica, aplicativos, entre outros. Foi enfatizado pelos facilitadores a divulgação da área de serviço social do CIEE, onde os aprendizes podem procurar ajuda caso desejarem.

Foram apresentados 12 vídeos sobre violência da mulher aos aprendizes que, em pequenos grupos, puderam escolher os mais impactantes para repassar aos demais da sala e também trouxeram mensagens e próprios relatos como forma de complemento a suas falas. Outros grupos realizaram pesquisas a fim de trazerem um universo maior de dados ao grupo.

Relataram de forma impactante como os vídeos tiveram reflexo em suas condutas e também nas discussões para incentivá-los a cada vez mais querer replicar as informações apreendidas, pois se colocaram no lugar das mulheres que foram vítimas e como elas ainda se sentem nos dias de hoje com os traumas que carregam.

Os vídeos mais selecionados por eles foram aqueles que trouxeram mensagens de reflexão, informação e sensibilização para o tema com cenas/áudios reais e/ou dramatizados por atores, que puderam enfatizar: índices, relatos/áudios reais de mulheres vítimas de violência e projetos que atendem às mulheres - para impactar aos que assistiram e trazer novas informações sobre o assunto.

Número total de alunos atendidos no mês de maio: **1.439 aprendizes.**



Ainda no mês de maio, no dia 20/05, umas das facilitadoras do projeto, Karina, foi convidada pelo Polo Jundiá para realizar uma oficina sobre prevenção ao abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes.

As turmas foram formadas por adolescentes que tiveram a escolha de participar da oficina, para depois serem multiplicadores do conteúdo para suas turmas.

No total participaram 80 aprendizes com duração de 2 horas cada oficina.

Foram abordados assuntos como: - índices; prevenção; penalidades; atendimento e denúncia.

### **Oficina 3 – Junho de 2019 - de 05 a 28/06**

No mês de junho foi realizado o terceiro workshop nos Polos envolvidos pelo Projeto Se Liga Moçada com o tema central: “Relações de Gênero e Masculinidades” com o palestrante Sérgio Barbosa – sociólogo e coordenador do Tempo de Despertar.

No terceiro encontro, os aprendizes absorveram de forma questionadora e reflexiva os exercícios propostos sobre o tema Relação de gênero e masculinidades.

Pudemos notar as associações que fizeram através das explanações dos conceitos proporcionados pelo Sérgio Barbosa e também pelos debates promovidos em sala de aula.

Durante a oficina, os aprendizes puderam ouvir e rever alguns conceitos sobre: cultura patriarcal, machismo, masculinidades, gênero e sociedade.

Foram realizados exercícios práticos sobre o pensamento machista e como ele ainda nos influencia nos dias de hoje. Como a sociedade cria estereótipos para conduzir um padrão de comportamento nos homens e nas mulheres.

Os jovens também tiveram a oportunidade de debater em grupos e exporem como gostariam de ser vistos na sociedade; quais atitudes deveriam ter para serem vistos desta forma e o que cada um espera do outro.

Foi distribuído um disparador com um manifesto “Pelos Direitos dos Meninos” e “Pelos Direitos das Meninas” de Silvia Amélia de Araújo para sensibilizá-los antes da realização do exercício.

Dividimos os grupos entre homens e mulheres e eles se colocaram de forma a desenvolver a escuta do outro grupo diante de suas colocações. À medida que iam expondo, colocavam angústias que ainda vivem até hoje por conta dos “rótulos” impostos pela sociedade.



O debate se abriu após as explanações de ambos os grupos e terminamos com um diálogo de entendimento/compreensão dos dois lados, onde os alunos puderam vivenciar e perceber que ambos sofrem com as imposições, que eles não são verdadeiramente representados por estes padrões e que somente exercitando o diálogo e trocando as expectativas com relação aos diversos papéis é que poderemos construir relações mais igualitárias.

Fizemos um registro das respostas que foram citadas pelos jovens durante os debates:

### **1. Como eles gostariam de ser vista(o)s pela sociedade?**

#### **Respostas do grupo das mulheres:**

- » Com respeito - independentemente das roupas, opção sexual ou até mesmo profissão.
- » Capazes, inteligentes e sem rótulos.
- » Com igualdade profissional - Mulheres empoderadas, mais cargos altos e na linha de frente.
- » Sermos reconhecidas por nossas competências e potenciais.
- » Independentes financeiramente.
- » Corajosas.
- » Termos liberdade – que não pensem que somos posse dos homens.
- » Sermos valorizadas.
- » Sem termos medo dos homens, poder andar sozinha à noite e não sermos roubadas e nem estupradas.
- » Que levem em conta a nossa opinião, que nos escutem e acreditem em nós.
- » Que tentem se colocar em nosso lugar.
- » Independente do que vestirmos, não sermos julgadas.
- » Não sermos vistas como frágeis e ignorantes e muito menos como objetos sexuais a serem escolhidos de acordo com tamanho, cor da pele ou dos olhos.
- » Como figuras fortes e não objetificadas; figuras capazes de ser reconhecidas, tendo poder de fala e ocupando posições de poder.
- » Alcançar objetivos e locais que hoje são em sua maioria ocupados por homens e ter reconhecimento por isso.
- » Gostaríamos de ser vistas como pessoas livres e fortes com total domínio de nossas escolhas e vontade.
- » Que quando expormos nossos sentimentos não sejamos interpretadas como sendo frágeis.
- » Queremos ser mulheres de atitude, isso não quer dizer que somos oferecida/arrogante/metida.
- » Queremos ser julgadas pela capacidade e não por gênero.
- » Que não sejamos tratadas diferentes só porque somos mulheres.



- » Gostaríamos de sermos vistas como alguém que sabe fazer as coisas sozinhas, sem depender de ninguém.
- » Sermos vistas como igual aos homens e não como secundária.
- » Como alguém capaz de chegar aonde quer chegar.
- » Poderosas, porém não superiores.
- » Pararmos de rotular o que é de “homem” ou “mulher”.
- » Poder se sentir segura, poder andar sem medo.
- » Não ser questionada por suas conquistas.
- » Não sermos diminuídas o tempo todo.
- » Não sermos vistas como alguém fraca, vulnerável.
- » Mais inclusão (na educação, nos esportes e nas escolhas profissionais).
- » Sermos donas do nosso próprio corpo, onde ninguém tem direito de apalpar, passar a mão ou avançar caso não consentirmos.
- » Termos direito de escolha – casar, ficar solteira, morar sozinha, não ter filhos.
- » Queremos ser tratadas iguais aos nossos irmãos – sem obrigações e nem deveres a serem cumpridos quanto as tarefas domésticas.

### **Respostas do grupo dos homens:**

- » Como um homem comum, sem sermos discriminados pelo sexo ( vistos sempre como quem oprime, é machista, estupra, agride, pega todas, é possessivo, insensível, abandona o filho, é safado, traí e etc).
- » Como pessoas respeitadas, compreensivas, dispostas a ajudar, divertidas, leais, que têm paciência, inspiram confiança e são compreensivas.
- » Como companheiros.
- » Gostaríamos de sermos vistos como um quadro em branco e não como obra de arte já pronta, tirando os rótulos de que todo homem tem que ser durão, todo homem é babaca, todo homem tem que resolver quando a situação apertar. E escrever nesse quadro que o homem pode sim chorar, o homem pode ser sentimental, que em uma família todos têm responsabilidades iguais.
- » Gostaríamos que as mulheres não pensassem sobre nós:
  - Não é porque sou gentil que estou dando em cima de você.
  - Meu sexo não define meu caráter.
  - Também temos sentimentos.
  - Meus gostos e minha roupa não definem minha opção sexual.
  - Ser homem também é difícil.
  - Também queremos igualdade.



- » Gostaríamos que a sociedade nos visse de uma forma igualitária, sem superioridade ao sexo oposto, pois ninguém deve determinar quem é superior a quem.
- » Livre de preconceito, com respeito e não como ameaça.
- » Gostaríamos de ser vistos como homens que tratam os seres humanos independentemente de sua etnia, cor, gênero, etc. com respeito de igual para igual e que respeitem opiniões diferentes em todos os sentidos.
- » Gostaríamos que a sociedade nos visse sem precisar provar nossa masculinidade.
- » Que sejamos vistos não como agressores, mas como igualmente seres humanos, que também sente medo, cometem erros, que também podem assumir papéis como cozinheiros, bailarinos, maquiadores e o que mais quisermos ser.
- » Como confiáveis e amigos.
- » Pela nossa capacidade intelectual e não somente pela nossa força física.
- » Queremos ser vistos como alguém que precisa também ser ajudado, não somos perfeitos e não conseguimos resolver todos os problemas do mundo – parecemos carregar o mundo nas nossas costas.
- » Não sermos julgados por nossa aparência e por andar na rua de moto com outro amigo, sermos taxados de bandidos.

## ***2. Frente às colocações feitas pelos meninos, o que as meninas deveriam esperar deles?***

- » Que pratiquem mais a sinceridade expondo seus sentimentos.
- » Ter mais senso de responsabilidade (na hora da paternidade).
- » Que se coloquem em nossos lugares em diversas situações de constrangimento / empatia.
- » Que reconheçam mais a capacidade das mulheres.
- » Que consigam praticar mais atitudes que gerem a igualdade de gêneros.
- » Que valorizarem mais as mulheres.
- » Que pratiquem mais o diálogo e o bom senso.
- » Maior evolução mental.
- » Mais abertura para diálogo.
- » Esperamos que nos devolvam o direito de liberdade.
- » Que sejam mais seguros e maduros.
- » Que sejam compromissados.
- » Que nos deem mais liberdade.
- » Reconheçam que as “obrigações” da casa também são deles. Que os dois sujam, os dois limpam.
- » Que respeitem mais as nossas escolhas (maternidade compulsória).



- » Que respeitem mais a nossa privacidade.
- » Serem menos violentos e agressivos.
- » Praticarem mais a gentileza.
- » Serem mais amáveis.
- » Percebam mais coisas que são “óbvias”.
- » Serem mais companheiros, compreensivos e independentes.
- » Serem menos possessivos.
- » Ter mais confiança em nós.
- » Demonstrar o que realmente sente e quando sente.
- » Menos arrogantes (a arrogância é demonstrada por gestos de superioridade de gênero, quando uma tarefa ou cargo não se aplica à pessoa por ela se achar melhor, ou achar que o gênero oposto não tenha capacidade ou até delimitar o que o outro tem que fazer.).
- » Deixarem a competição de lado e demonstrar que o homem pode e deve fazer as mesmas tarefas que a mulher e não precisa ser valorizado por isso, e vice-versa.
- » Que reconheçam seus privilégios na sociedade.
- » Que deixem de objetificar e inferiorizar as mulheres.
- » Que reconheçam o “brother escroto e suas atitudes machistas” e consigam intervir.
- » Que nos valorizem pelas nossas competência e não por nosso corpo, cor dos olhos ou cabelos.
- » Mesmo sendo comprometidas, termos nosso direito de ir e vir e nosso livre arbítrio.
- » Respeitar-nos independentemente do local, seja em casa ou lugares públicos.
- » Se colocarem em nossos lugares em diversas situações.

## **2. Frente às colocações feitas pelas meninas, o que os meninos deveriam esperar delas?**

- » Que não se calem ao primeiro sinal de violência.
- » Que as mulheres façam valer seus direitos de uma forma onde haja igualdade entre homens e mulheres, tendo respeito e compreensão de ambas as partes.
- » Que conquistem o seu espaço de igualdade – que tenham os mesmos direitos que nós.
- » Esperamos que nos deem confiança, segurança e amor próprio, que não haja pré-julgamento.
- » Que sejam mais comunicativas, se colocando de forma direta e objetiva.
- » Esperamos não sermos julgados por atitudes de alguns homens “nem todos os homens são iguais”.
- » Que as mulheres também compreendam que podemos falhar.
- » Que sejam boas mães, se assim desejarem terem filhos.
- » Que sejam mais pacientes e respeitosas.



- » Que sejam compreensivas, companheiras e mais amorosas.
- » Que saibam se expressar melhor e que tenham voz mais ativa.
- » Que não pensem que todos os homens são iguais.
- » Que as mulheres se sintam mais confortáveis com a presença masculina.
- » Que as mulheres reconheçam nosso esforço, por menor que seja.
- » Que percebam que também precisamos de carinho.
- » Que aceitem nossas amizades.
- » Que não apoiem as atitudes de outros homens machistas.
- » A mulher tem receio dos homens e tem motivos para tal, mas também é necessário entender que o homem também tem sentimentos, que não precisa ser durão o tempo todo, e ser deve ser mais comunicativa, pois muitas vezes a mulher se fecha e não fala quando alguma coisa não agrada ou quando ela se sente pressionada.
- » Que as mulheres parem de pensar que são as donas da razão, quando sabem que estão erradas.
- » Que também compreendam que homens gostam de receber presentes sensíveis como flores por exemplo.

### **3. *Quais as atitudes e comportamentos que deveriam ter, de acordo com o que relataram como gostariam de ser vistos?***

#### **Respostas do grupo dos homens:**

- » Precisamos primeiro mudar nossa atitude, essa mudança precisa começar por nós.
- » Precisamos espalhar essas ideias para outras pessoas.
- » Precisamos falar para nossos amigos que são machistas para não serem, necessitamos nos posicionar mais nas rodas de amigos.
- » Precisamos cobrar menos dos outros e nos preocuparmos mais com nossas atitudes e comportamentos.
- » Necessitamos ser gentis com todos os seres humanos.
- » Respeitar mais o espaço das mulheres.
- » Não temos que pré julgar e nem generalizar as ações das outras pessoas.
- » Deixar o lado feminino do homem liberto sem medo e receio de possíveis preconceitos impostos pela sociedade.
- » Aberto para mais diálogo, escuta e compreensão.
- » Conscientização dos familiares e pessoas que nos rodeia por pensamentos e atitudes menos machistas.



## Respostas do grupo das mulheres:

- » Deixarmos claro as nossas verdadeiras intenções para com os meninos, para que não confundam que pagar um jantar não significa que queremos depois transar com eles.
- » Que dependem de nós também os comportamentos daqui para frente, para que consigamos mudar os pensamentos machistas e nos impor mais com relações aos nossos verdadeiros papéis.
- » Não permitirmos o “abuso” por parte de quem quer que seja.
- » Não acharmos graça ou não nos posicionarmos com relação a alguns comentários que ouvimos, pois assim reforçamos cada vez mais para quem está fazendo isso que somos frágeis e inferiores.
- » Não criticarmos e nem menosprezarmos, caso os homens queiram fazer o serviço doméstico, pois assim estaremos reforçando que não era para ser feito mesmo por eles.
- » Não aceitarmos nenhum rótulo que nos impõe.
- » Denunciando casos de violência e ajudando uma as outras – ser mais parceira e possuir empatia.
- » Se desejo a igualdade, tenho que agir como tal – não querer ser tratada como sensível/delicada e depois exigir direitos iguais.
- » Temos que parar de seguir alguns padrões de beleza. Toda mulher é bonita do jeito que ela é.
- » Temos que conseguir não absorver as opiniões que ouvimos só para nos diminuir e seguir em frente com os nossos sonhos.
- » Não aceitarmos ser tratadas de qualquer forma.

Ao final do encontro puderam também conhecer o Projeto Tempo de Despertar que atende homens condenados e que foram autores de violência.

Ao final do encontro, solicitamos aos alunos que procurassem uma figura ou fizessem um desenho ou colassem uma foto que representasse para eles como havia sido a oficina 3 descrevendo abaixo o que aquela imagem queria dizer.

Número total de alunos atendidos no mês de junho: **1.393 aprendizes.**

## Oficina 4 – Julho de 2019 - de 10 a 30/07

O quarto e último encontro nos Polos envolvidos pelo Projeto Se Liga Moçada teve como objetivo principal: aplicar uma dinâmica para a verificação dos conteúdos apreendidos pelos jovens, realizar uma apresentação para outros aprendizes não participantes do projeto e de avaliar o projeto.

No quarto encontro, os aprendizes se envolveram no exercício proposto, o “Juri Simulado”, para aplicarem as informações absorvidas durante os encontros anteriores.



Realizaram a multiplicação dos conhecimentos apreendidos durante as oficinas a outros jovens e fizeram uma avaliação do projeto.

Durante a oficina número 4 os aprendizes puderam viver um ambiente de tribunal. Foi trazida uma história real de uma vítima de violência doméstica, cujo desafio era buscar argumentos para defender, acusar e julgar o réu em questão.

Eles se dividiram em equipes e pudemos verificar o que conseguiram absorver as informações repassadas a eles.

Debateram com propriedade e trouxeram algumas argumentações dignas de questionamentos e reflexões por parte dos jurados.

Pudemos observar que buscaram, através dos desafios que colocamos, informações extras para poder agregar nas argumentações (exemplo: número dos artigos do código penal, mais sobre a Lei Maria da Penha, penas para as sentenças para este caso, provas comprobatórias e etc).

O debate foi o ponto crucial do encontro. Tanto os “advogados de defesa”, os “advogados de acusação”, “testemunhas” e “jurados” puderam perceber que quando estamos julgando vidas, necessitamos analisar todos os lados da história para que possamos definir o que será mais adequado para o réu e também para a vítima.

Os jovens gostaram muito dessa atividade, pois se colocaram no lugar da vítima, do réu e também da sociedade. Puderam verificar na prática que necessitamos ainda de uma rigidez maior nas penas com relação à violência doméstica e a morosidade do julgamento dos processos.

Após o fechamento da última oficina, os jovens realizaram a multiplicação das informações aprendidas durante os encontros, para outras salas não participantes do projeto. Criaram as mais variadas formas de apresentação dos conteúdos apreendidos: seminários com slides e vídeos sobre a violência e índices, cartazes e materiais informativos para deixarem nas salas e/ou com os alunos, dramatizações, criações de vídeos, entrevistas com vítimas de violência doméstica, quizz, aplicação de dinâmicas, músicas e poesias.

Falaremos no próximo item, especificamente sobre a multiplicação dos conteúdos.

Apesar de se tratar de um mês de férias para muitos aprendizes, foram **1.341 alunos** beneficiados pelo projeto em julho.



## 5. Multiplicação dos conteúdos apreendidos pelos alunos durante os encontros:

Em julho, ao final do último encontro realizado, os jovens expandiram as informações do que aprenderam para outras turmas sensibilizando-as para uma atitude de prevenção à violência contra a mulher.

Criaram as mais variadas formas de apresentação dos conteúdos apreendidos: seminários com slides de animação/ vídeos sobre a violência e índices, cartazes e materiais informativos para deixarem nas salas e/ou com os alunos, dramatizações, criações de vídeos, entrevistas com vítimas de violência doméstica, quizz, aplicação de dinâmicas, músicas e poesias. Tanto nos surpreenderam, que geramos uma edição dessas apresentações para podermos apresentar à diretoria e equipe de gestão do CIEE e Bem Querer Mulher.

Com a multiplicação de informações realizadas pelas turmas envolvidas pelo projeto a outros jovens aprendizes, pudemos ampliar o número de atendidos, conforme o quadro:

<b>POLOS</b>	<b>Número de turmas atendidas por Polo</b>	<b>Média de jovens atendidos diretamente pelas oficinas (média dos meses de abril, maio, junho e julho)</b>	<b>Número de jovens atendidos indiretamente através da multiplicação dos conteúdos (números aproximados)</b>	<b>TOTAL DE JOVENS ATENDIDOS</b>
<b>Bacelar</b>	5	131	150	281
<b>Barueri</b>	7	185	210	395
<b>Butantã</b>	5	138	250	388
<b>Campinas</b>	6	156	180	336
<b>Guarulhos</b>	6	157	180	337
<b>Jundiaí</b>	4	134	120	254
<b>Liberdade</b>	5	151	230	381
<b>Osasco</b>	7	237	210	447
<b>São Caetano do Sul</b>	5	119	300	419
<b>TOTAL</b>	<b>50</b>	<b>1.408</b>	<b>1.830</b>	<b>3.288</b>

Os alunos ficaram muito entusiasmados por estarem tendo a oportunidade de repassar as informações que consideravam importantes aos demais jovens que não foram beneficiados pelo projeto.



Percebemos que puderam exercitar a autonomia e o empoderamento com relação às informações, sensibilizando assim, o público presente.

O público pode colocar o que achou da apresentação dos alunos e também suas reflexões sobre o tema. Pudemos perceber muitos relatos de jovens o que já presenciaram e/ou sofreram.

**6. Formação em serviço dos instrutores do CIEE participantes do projeto:** os instrutores participaram de todas as oficinas aplicadas aos alunos e pudemos oferecer suporte metodológico e material sobre o tema de forma que não somente ampliassem seus conhecimentos, mas também que estivessem capacitados a dar sequência às discussões e escutas junto aos jovens, acolher suas manifestações e encaminhar para a rede de apoio quando necessário.

### **7. Apresentações teatrais sobre o tema da violência contra a mulher:**

Foram realizadas 14 apresentações previstas pelo projeto em vários Polos do CIEE, escolhidos pela Gerência do Programa de Aprendizagem.

A peça Teatral educativa sobre a violência contra mulher, foi apresentada em nove localidades diferentes e foi assistida por **1.506** jovens aprendizes.

<b>POLOS</b>	<b>Número de apresentações realizadas em cada Polo</b>	<b>Total de Público</b>
<b>Brasília</b>	2	230
<b>Cotia</b>	1	65
<b>Manaus</b>	2	210
<b>Mogi das Cruzes</b>	1	150
<b>Ribeirão Preto</b>	2	75
<b>Salvador</b>	2	300
<b>São Caetano do Sul</b>	1	105
<b>São José do Rio Preto</b>	2	71
<b>São Paulo</b>	1	300
<b>TOTAL</b>	<b>14</b>	<b>1.506</b>



Com o título “*Meu Querer é Ser Feliz*”, de maneira interativa, bem-humorada e sem uma linha contínua linear, a peça abordou os vários tipos de violência contra a mulher.

Composta de cenas curtas, a dramaturgia é inspirada em pesquisas e depoimentos de mulheres que sofreram algum tipo de violência de gênero.

Considerando a complexidade do tema, a peça retrata diversos espaços sociais e diversas dimensões da violência de gênero abordando tanto as formas explícitas quanto as formas sutis de violência contra a mulher.



Dessa forma, a apresentação da peça se dá em quatro cenas distintas, sendo:

Cena 1 – Desafinados: o jogo da paquera

Cena 2 - Jogo da Troca

Cena 3 - Lado A, Lado B

Cena 4 - Programa Paula da Nellys

Após as apresentações, foram realizados debates com os jovens, a fim de sensibilizá-los para esta questão e realizar alguns encaminhamentos, caso fosse necessário.

## **8. Aplicação de questionário qualitativo com jovens de cada uma das turmas participantes do projeto:**

Ao final dos encontros, realizamos uma avaliação descritiva com um grupo de jovens que participaram das quatro oficinas, em todas as salas de aula, para sabermos a sua opinião a respeito do projeto.

Ao todo recebemos **219 avaliações**.

Abaixo segue a compilação dessa avaliação:

### **1. O que você pode realmente aprender nesses encontros?**

Os aprendizes citam várias informações que puderam absorver e debater durante os encontros e que de certa forma, chamaram a sua atenção, impactando-os e dando importância a elas.

Chamaremos este grupo de **conhecimentos agregados**:



**92%** dos jovens citaram que puderam aprender: as formas de violência contra a mulher, o ciclo da violência, as alarmantes estatísticas da violência no Brasil, feminicídio, lei Maria da Penha, direitos das mulheres e sobre a rede de apoio e atendimento à mulher.

Quanto à importância da prevenção a violência, como detectar relacionamentos abusivos, a importância de denunciar e os canais de denúncia foram citadas por **53%** jovens aprendizes.

Já sobre assuntos ligados às masculinidades tóxicas, sociedade patriarcal, pensamentos machistas, rótulos e sobre instituições que ajudam homens autores de violência foram citados por **15%** dos jovens.

**4,5%** dos jovens citaram outras informações como: feminismo, ética, como funciona um júri e que “não é não”.

Os aprendizes também trazem como relevantes às reflexões que fizeram através dos conhecimentos adquiridos e debates sobre os assuntos em sala de aula. A este grupo, chamaremos de ***reflexões para mudança de pensamento e uma possível mudança de comportamentos e atitudes provocados nos encontros.***

**44%** dos jovens citam a necessidade de buscar mais a igualdade de gêneros, empatia nas relações, respeito e valorização para as mulheres e julgar menos as pessoas como forma de ajudar o combate à violência.

**23%** trazem a importância de continuarem multiplicando as informações que tiveram para outras pessoas e também da união para podermos mudar essa realidade e estatísticas.

**22%** acreditam que ainda é necessário quebrar tabus que incentivam a violência, deixarem de ser violentos, repensarem suas atitudes, que os encontros proporcionaram à eles uma mudança de opinião, crescimento pessoal que trouxe uma conscientização maior e que a mudança primeiro deve começar com ele mesmo. Citam também, a questão dos encontros como forma de melhorar suas relações interpessoais e a união da sala, trabalhar traumas e medos, a se fortalecer/empoderar enquanto pessoa e a não se calar diante dos abusos sofridos.

## **2. O projeto o ajudou em algo? Se ajudou em quê?**

**95%** dos jovens descrevem que o projeto os ajudou em algo na sua vida e **5%** citam que não os ajudou. Dentre os que citam que os ajudou:



**79%** dos jovens trouxeram o conhecimento adquirido, sendo que 46% descrevem que adquiriram novos conhecimentos sobre os assuntos abordados e 33% admitem que apesar de possuir algum conhecimento sobre esse assunto, ele foi ampliado nos encontros.

Dos conhecimentos adquiridos por eles durante o processo, **46,5%** citam como aprendizado: canais de denúncia, visão ampla sobre os direitos das mulheres, sobre as leis, tipos de violência, feminicídio, como a violência acontece, projetos para atendimento às mulheres, machismo, como se prevenir e detectar relacionamentos abusivos, como se defender dos agressores, estatísticas, projeto para os autores de violência.

**44%** dos jovens citam a importância de ajudar as mulheres que sofrem violência, agora que sabem como ajudá-las, ressaltando que desse percentual, **31%** foram meninos que responderam e **13%** foram as meninas.

**100%** dos jovens que disseram que o projeto os ajudou, ***fizeram apontamentos com relação às reflexões que puderam fazer durante o processo e sobre as atitudes e comportamentos emitidos até então por eles.*** Isso nos mostra que para todos os 95% significou muito essa parte comportamental e de mudança de atitudes pessoais que o projeto traz.

**58%** dos meninos citam que aprenderam a tratar a mulher de forma mais respeitosa, a enxergar as atitudes machistas, preconceituosas, relatam sobre uma mudança de pensamentos e atitudes, seu amadurecimento e sua maior conscientização sobre o assunto.

Alguns relatos descritos por eles abaixo:

- “Sim, percebi o machismo presente em mim e dentro da minha própria casa em coisas simples.”
- “Sim, percebi atos de violência em conversas do dia a dia, chamei a atenção de amigos e conhecidos e aprendi a ser mais atento nas mensagens de violência contra a mulher ocultas na cultura.”
- “Sim, o projeto significou um amadurecimento em questão de violência contra a mulher, consigo ver a importância que tem em querer trazer esses conteúdos aos jovens. Melhorou minha percepção sobre o mundo, e o quanto o machismo está dentro de todos.”
- “Sim, me ajudou a sempre pensar duas vezes antes de tomar qualquer atitude contra a mulher”.
- “Sim, significou mudança do pensamento e comportamento em estar enxergando o outro lado também”.



- “Sim, me fez ficar mais atento em relação à forma que ajo com as mulheres, me ajudou a pensar de um modo diferente ao qual meu pai me ensinou, por ser machista”.
- “Sim, ajudou bastante a mudar minha forma de ser e agir com as mulheres”.
- “Sim, mudou conceitos pré-estabelecidos”.
- “Sim, me deu uma visão diferenciada sobre as mulheres, passei a enxergar e respeitar mais as mulheres”.
- “Sim, esse projeto me ajudou a olhar o lado das mulheres e começar a ajudar nas tarefas diárias”.
- “Sim, o projeto significou um novo ponto de vista para mim. Além de ajudar a entender melhor como uma mulher se sente”.
- “Sim, significou uma nova visão para minha vida. Pude enxergar como as coisas acontecem tão perto de mim e não via. Hoje posso orientar quem precisa, além de poder passar as informações para muitas pessoas do meu convívio”.
- “Sim, significou uma melhora, não somente como pessoa, mas também como ser humano. Me agregou um sentimento de compaixão com a dor do próximo”.

**60%** das meninas relatam que mudaram suas posturas diante dos assuntos abordados ao contar que se sentiram mais empoderadas, fortalecidas para buscar igualdade, se valorizarem mais, a não aceitarem mais atitudes violentas e a não se calarem, sair da indiferença e ser pró ativa e empática com outras pessoas, a curar as feridas e a se libertar.

Alguns relatos descritos por elas abaixo:

- “O projeto foi um marco em minha vida, pois abriu meus olhos para muitas coisas que presumia não serem relevantes. O projeto me ajudou em aspectos como ser mais empática e atenta.”
- “Esse projeto ajudou-me a me colocar no lugar da vítima – nunca julgar”.
- “Ajudou a me conscientizar mais sobre o assunto, para poder ajudar os outros”.
- “O projeto me ensinou a lutar e ir atrás dos meus direitos, nenhuma agressão pode ficar impune”.
- “Foi marcante, pois mudou minha forma de pensar, abriu minha mente e vejo agora o assunto com muito mais seriedade”.
- “Teve um grande significado para mim por conta de já ter sofrido agressão. O projeto me encorajou de diversas formas e a denunciar o agressor. Mostrou que independentemente de qualquer coisa que ocorra, podemos ter ajuda necessária e a devida proteção”.



- “O projeto significou muito para mim, pois percebi que não podemos aceitar algumas atitudes, precisamos buscar igualdade e respeito e acima de tudo entender que não podemos ser vítimas e não ajudar o próximo”.
- “O projeto me ajudou muito mais em ajudar as pessoas próximas de mim que passam por essa situação todos os dias. Perdi o medo de não querer mais viver um relacionamento abusivo, de não aceitar que um homem levante e a mão ou a voz para mim. Sinto-me empoderada e mais forte”.
- “Teve um significado absurdo para mim, me conscientizando a enxergar as coisas de outra forma, a multiplicar informações e identificar agressões. Obrigada ao Projeto Se Liga Moçada”.
- “Foi de extrema importância para mim como mulher, pude ver que não estou sozinha nessa causa e que tenho a quem recorrer. Fui aprendendo a me proteger e a lidar com a situação”.
- “O projeto me ajudou no amadurecimento e crescimento pessoal, como uma força extra. Tive um impacto muito grande, pois abriu meus olhos a conseguir identificar as diversas formas de agressão e me ajudou a ajudar as pessoas”.
- “Este projeto significa abrir nossos olhos. Infelizmente ele me mostrou que certos pensamentos meus e de outras pessoas, continuam sendo inflexíveis e irracionais. Pessoas que destroem os sentimentos das outras sem se importarem. E o projeto me ajudou a mudar minhas atitudes, agora penso várias vezes antes de me expressar”.

**22%** dos jovens relataram o desejo de ajudar as mulheres e serem agentes de mudança contra o machismo e a violência e a criarem seus filhos com vistas a uma educação mais igualitária.

Alguns relatos descritos abaixo:

- “O projeto me deixou abalado em alguns encontros e tocou em algumas feridas. É algo que certamente vou passar adiante para ajudar muitas mulheres”.
- “O projeto me ajudou a entender o sofrimento da mulher vítima de violência e a despertar em mim a vontade em ajudá-las”.
- “Ajudou a abrir a minha mente para esse assunto e a ver que cometi já violência e quero a partir de agora mudar e ajudar nessa causa”.
- “O projeto me fez sentir na pele das mulheres, no seu cotidiano, a ter mais empatia e querer ajudar”.
- “Me ajudou a perceber como criamos nossos filhos de forma separada e preconceituosa. Aprendi que depende de nós a educação deles e que precisamos ensinar que temos que olhar para todos de forma igual”.

**3. *Você está saindo do mesmo jeito de quando iniciou o projeto? Se não, descreva como estava antes e como está saindo agora?***

**89%** dos jovens relataram que não estão saindo da mesma forma que entraram.



Desses jovens acima mencionados, citaram que após o término do projeto:

**86%** possuem mais conhecimentos, consciência e reflexões sobre o assunto. Sentem que estão mais preparados para reagir contra a violência e ajudar a fazer denúncias.

**89%** deles também relataram haver uma mudança de pensamento e alteração em suas atitudes, maneira de enxergar as situações, uma maior empatia com as pessoas, enxergar seus erros e preconceitos, a combater o machismo, com mais coragem e empoderamento e a não se calar mais.

**42%** cita o compromisso de divulgar o que aprendeu a outras pessoas, fazer parte da causa e se sentem seguros de falar abertamente sobre o assunto.

Abaixo alguns relatos dessa pergunta:

- “Antes eu apenas evitava olhar e ignorava quando ocorria alguma situação de violência contra a mulher”.
- “Não, pensava que a mulher ficava com o agressor por safadeza, gostava. E vi que é totalmente diferente”.
- “Aprendi a ter mais respeito com as mulheres da minha vida”.
- “Saio de maneira diferente, enxergando a mulher como símbolo de força e luta constante, saio sabendo que é meu dever denunciar agressões, etc”.
- “Com o projeto eu aprendi a aconselhar, a ajudar, e sei Tb a quais autoridades recorrer caso conheça alguém que sofra violência”.
- “Agora me sinto mais protegida e sei que se caso eu precise vou ter a quem recorrer”.
- “Não, passei por um relacionamento abusivo e não percebi. Mudei o modo de ver as coisas”.
- “Estou saindo com a missão de repassar aquilo que eu aprendi para outras pessoas e assim acabar com esse ciclo”.
- “Inicialmente achava que era brincadeira que não havia consequência do que eu fazia. Agora pude entender que ter empatia faz toda a diferença”.
- “Estou mais atento e prestando atenção nas pessoas ao meu redor. Se tiver algo acontecendo eu irei ajudá-las”.
- “Agora consigo ter um olhar mais crítico para essa situação. Fico observando as pessoas na rua e presenciei uma situação de agressão onde já pude ajudar”.
- “Acredito que agora eu tenha mais coragem para tomar a frente quando ver alguém sofrendo nessa situação”.



- “Minha visão e minha percepção mudaram muito e me motivou a abraçar a causa do projeto”.
- “O projeto me encorajou e me mostrou que sou forte, que não devo ter medo e muito menos vergonha em denunciar o agressor”.
- “Estou com atitudes bem diferentes desde que o projeto se iniciou, falo o assunto com as minhas amigas, alertando e me posicionando em algumas situações”.
- “Quando iniciou o projeto não fazia ideia dos tipos de agressões, tanto que não sabia que já havia sofrido sem ter percebido isso. Me trouxe conhecimento para poder me proteger e prevenir no futuro”.
- “Saio com o reconhecimento que é possível superar antigos traumas, com apoio inclusive da classe que se tornou para mim uma família. Saio com dignidade e com vontade de ajudar mulheres que sofrem e homens que devem buscar ajuda para pararem de agredir”.
- “Absolutamente não. Antes eu era alienado nesse assunto e também não era atento. Já hoje tenho conhecimento e um ímpeto por igualdade e justiça”.
- “Antes não tinha conhecimento e agora posso multiplicar a quem quer que seja”.
- “Antes quem fazia as tarefas e comida em casa era minha mãe e após o projeto eu comecei a dividir as tarefas com ela”.
- “Hoje me sinto mais preparada para ouvir as vítimas e para ajudá-las também, seja para fazer a denúncia, para identificar a violência ou até mesmo onde correr se a vítima necessitar de refúgio”.

**11%** dos jovens não emitiram opiniões ou descreveram que estão saindo da mesma forma que iniciaram o projeto.

Dos que escreveram o porquê de estar saindo da mesma forma:

**40%** relatam que já tinham conhecimento sobre assunto ou uma noção desse tema.

**12%** relatam que nunca viveram e viram nenhuma agressão.

#### **4. Atribua uma nota de 0 a 10 para:**

Aula 1 : Panorama Geral da Violência contra as mulheres

Aula 2: Atendimento á mulher vítima de violência doméstica

Aula 3 : Relações de Gêneros e Masculinidades



## Aula 4: Juri Simulado e multiplicação dos conteúdos

WORKSHOPS	MÉDIA
AULA 1	9,10
AULA 2	9,35
AULA 3	9,15
AULA 4	9,42

Pudemos notar que as diferenças entre as notas atribuídas pelos alunos para as quatro aulas são muito pequenas. Todas ficaram acima de 9.

Sabemos, porém, através dos relatos, que a aula 4 foi a mais dinâmica e desafiadora para os jovens, quando foram testados seus conhecimentos e grau de empoderamento para o repasse das informações apreendidas durante todos os encontro. Ela fecha e resignifica a partir do momento que o aluno tem em suas mãos todo o conteúdo e começa a se empoderar dessas informações com a multiplicação desses conteúdos para outras pessoas. Os alunos que receberam essa multiplicação deram muita importância e enaltecem os alunos pelo simples fato de trazerem à tona esse assunto para eles. Os jovens puderam perceber com este movimento de divulgar as informações, a sua real importância de ser um agente de multiplicação para poder levar mais informações e conseqüentemente ajuda para as pessoas que as necessitam.

Já na aula 1, como foi a inicial sobre um tema não atrativo, pesado e bem ácido, houveram informações que trouxeram impacto aos alunos e, alguns talvez, não conseguiram se envolver totalmente com o tema e o exercício proposto.

### 5. Qual aula que você mais gostou? Justifique o porquê.

	Aula 1	Aula 2	Aula 3	Aula 4	Todas	Média
Percentual	18%	33%	19%	27%	3%	100%



## **Aula 1 - Panorama Geral da violência contra as mulheres e Lei Maria da Penha**

Dos **18%** jovens que escolheram a aula 1 como a que mais gostou:

**50%** deles, relatam que adquiriram um maior conhecimento e informações sobre o tema. Aprenderam violências que nem imaginavam existir e os motivos que as levam a não denunciar.

**100%** deles colocaram a importância da dinâmica proposta em sala para troca de experiências, mostrar como a violência está presente em nós, a participação dos alunos e compartilhamento das diversas histórias que vivenciaram sobre a violência e destacam ainda a união da sala após o exercício, trazendo assim uma maior empatia entre os alunos. Algumas jovens citam ainda que descobriram durante a aula que já sofreram/sofrem algumas agressões e não imaginavam que era uma agressão e que se culpavam muito por isso.

Alguns relatos:

- “Não sabia de nada, quando veio a aula 1 fiquei muito chocada e impactada”.
- “Pelo impacto que causou em todos, nos uniu e nos deixou a vontade para abordar o tema, além de dar o apoio e acolhimento a quem precisava”.
- “Foi uma aula de acolhimento e sensibilização, choramos juntos, ouvimos, nos abraçamos e acima de tudo, respeitamos a dor do outro”.
- “Porque independente do assunto abordado, muitas pessoas confiaram e contaram casos pessoais e para mim uniu mais a sala, fazendo com que cuidássemos uns dos outros”.

## **Aula 2 – Atendimento à mulher vítima de violência doméstica**

Dos **33%** dos jovens que escolheram a aula 2 com aquela de que mais gostou:

**54%** deles, destacam as novas informações como a rede de apoio e os projetos que acolhem essas mulheres como o motivo principal da sua escolha.

**46%** deles, principalmente os meninos, destacam o exercício da escolha dos vídeos que os impactaram e os sensibilizaram, trazendo como é a realidade da violência contra as mulheres, fazendo uma reflexão sobre o assunto de outra forma.

Alguns relatos:

- “Deu para sentir na pele o que essas mulheres passam”.



- “Não sabia dos meios para denunciar, dos aplicativos”.

- “Porque vimos vítimas reais e meios de combater a violência contra a mulher, números para emergências e abrigos para vítimas”.

### **Aula 3 – Relações de Gêneros e Masculinidades**

Dos **19%** dos jovens que escolheram a aula 3 como a que mais gostou:

**31%** dos jovens que elegeram a aula 3 como a que mais gostou, relatam que aprenderam como o machismo interfere na masculinidade, sobre a sociedade machista, tiveram conhecimento de um projeto que ajuda o homem autor de violência e que há conflitos internos tanto no homem quanto na mulher provocados pela sociedade patriarcal.

**65%** dos jovens que optaram pela aula 3, colocam que a dinâmica proposta foi o destaque, pois foi muito importante ouvir o lado masculino e feminino no debate, oportunidade de colocarem como gostariam de serem vistos pela sociedade, reflexão sobre como melhorar seus comportamentos e atitudes e a participação da sala como um todo.

Alguns relatos:

- “Porque pudemos expor todas as nossas angústias impostas pela sociedade”.

- “Foi um momento de reflexão e autoconhecimento”.

- “Foi discutido como a cultura influencia nosso modo machista de pensar. Foi explicado o verdadeiro significado do ser humano, que ambos tem o direito de buscar seus objetivos dentro da sociedade”.

- “ Me ajudou a entender mais o lado das mulheres”.

### **Aula 4 - Júri Simulado e multiplicação dos conteúdos**

Dos **27%** dos jovens que escolheram a aula 3 como a que mais gostou:

**92%** deles coloca que a aula foi mais dinâmica, envolvente e desafiadora. Gostaram muito do exercício proposto que era de realizar um julgamento, poder dar sua opinião utilizando os conhecimentos apreendidos, julgar a vida de outra pessoa e fixar melhor as informações. Além de citarem que os ajudou na multiplicação das informações para outra sala de aula, pois recordaram conteúdos e também trouxe segurança e seriedade.



Citaram também sobre as apresentações realizadas com outras salas, pois não imaginavam que a platéia iria ser tão receptiva e tão interativa.

Puderam perceber a importância e a responsabilidade de ser um agente multiplicador dessas informações a todos que necessitam.

Alguns relatos:

-“Ela me proporcionou atividade e reflexões diferenciadas”.

- “Por obtermos reconhecimento de outras salas pela multiplicação das informações”.

-“Podemos vivenciar a realidade para punir os agressores”.

- “Foi um momento em que fiquei totalmente envolvida e me fez ver como a justiça ainda é falha e que devemos lutar por mais rigidez nas punições”.

- “Porque a gente fez um tribunal e julgou um réu com uma história verdadeira. Foi uma experiência incrível”.

### Todas as aulas

3% dos alunos elegeram todas as aulas que gostaram sem escolher alguma em específico:

71% deles disseram que todas trouxeram grandes informações e reflexões.

14,5% deles disseram que todas foram muito dinâmicas.

14,5% deles se identificaram com todas.

### 6. Qual aula que você menos gostou? Justifique o porquê.

	Aula 1	Aula 2	Aula 3	Aula 4	Nenhuma	Média
Percentual	22%	9%	20 %	7%	42%	100%

### Aula 1 - Panorama Geral da violência contra as mulheres e Lei Maria da Penha

Dos 22% dos jovens que disseram que a aula 1 foi a que menos gostou:

29% deles, citam que foi muito teórica, com uma vídeo aula muito longa.

12% citam que os colegas não participaram e interagiram com a turma, ficaram constrangidos em compartilhar histórias e pela falta de educação de alguns alunos.



**10%** deles dizem que foi cansativa.

**8%** deles citam que foi chata e repetitiva.

**8%** deles dizem que houve desinteresse da parte deles.

**8%** dizem que o assunto foi pesado e triste.

Alguns relatos:

- “Aula rica de conhecimentos, mas me impactou muito. Nem todas as informações foram fáceis de absorver, pois foram desagradáveis para mim”.

- “Foi muito tenso e dolorido ouvir relatos dos jovens”.

- “Estava muito introspectivo”.

- “Foi muito conceitual e bem explicada, mas acredito que teve menos interação”.

## **Aula 2 – Atendimento à mulher vítima de violência doméstica**

Dos **9%** dos jovens que disseram que a aula 2 foi a que menos gostou:

**35%** deles citam que a aula foi muito teórica e repetitiva.

**20%** citam que foi cansativa.

**15%** citam que foi a aula menos didática, que depois de um tempo ficou maçante.

**10%** citam que poderia ter mais informações.

**20%** citam que os vídeos apresentados geraram muita angústia e desconforto.

Alguns relatos:

- “Não foi tão dinâmica por conta de muitas informações”.

- “De todas foi a que menos tivemos contato entre nós, o que não significa que foi ruim, mas comparada com as demais foi mais exposição do que prática”.

- “Conteúdo dos vídeos com cenas fortes, me deixou um pouco desconfortável, porém entendi a importância de serem mostrados”.

## **Aula 3 - Relações de Gêneros e Masculinidades**

Dos **20%** dos jovens que disseram que a aula 3 foi a que menos gostou:

**35%** dos jovens citam que a aula foi muito repetitiva e cansativa.

**17%** colocaram que não gostou por conta da forma que foi abordado o tema, acabou com a natureza do homem, discordam da opinião do palestrante e por conta dos rótulos.



**12%** dos jovens disseram que não se identificaram e que houve divergência de opiniões entre os colegas, gerou conflito na turma e houve desorganização da sala.

**12%** não souberam colocar o porquê de não terem gostado da aula 3. **10%** dos jovens citou que a aula ficou muito no vídeo.

**6%** disse que houve generalização, foi confusa, saiu do foco do assunto.

**4%** coloca que poderia ter mais meninos falando e participando.

**4%** colocam que abordou coisas que já sabia.

Alguns relatos:

- “ Por ter saído um pouco do foco do assunto”.

- “ O assunto foi ótimo, mas apesar disso, a aula não rendeu tanto na sala, pois foi um momento menos participativo de modo geral”.

- “ Um tema interessante mas não gostei da maneira na qual foi abordada”.

- “ Achei que acabou com a natureza do homem”.

#### **Aula 4 - Júri Simulado e multiplicação dos conteúdos**

Dos **7%** dos jovens que disseram que a aula 4 foi a que menos gostou:

**45%** deles disseram que não conseguiram se expressar, por estar em um lado que discordava no exercício proposto.

**20%** deles disseram que a aula foi muito corrida, pois havia muitas atividades a serem feitas em curto espaço de tempo.

**7%** deles disseram que não se sentiam preparados para realizar a multiplicação em outra sala de aula.

**7%** deles colocaram que a aula foi muito parada, que poderia ter um debate maior sobre o assunto abordado.

**7%** citam que o Juri Simulado não foi baseado em processos jurídicos.

**7%** deles não se identificaram muito com a aula.

Alguns relatos:

-“ Foi difícil defender o agressor”.

- “ Acho que não consegui expressar direito meus pensamentos sobre o assunto”.

- “ Foi muito corrido”.



## Nenhuma

Dos **42%** dos jovens citaram que gostaram de todas as aulas igualmente:

**96%** citam que gostaram de todas, que foram igualmente importantes e necessárias para eles.

**2%** citam que todas as aulas foram complementares

**2%** citam que houve muito aprendizado em todas elas.

### **7. Se o projeto pudesse continuar com a sua turma, quais as sugestões você daria?**

**30%** dos alunos sugerem que tenha mais dinâmicas, dramatizações, atividades práticas e mais debates.

**26,5%** dos alunos colocam que poderia trazer para as oficinas depoimentos de homens e mulheres ao vivo para conversarem com as vítimas, trazer o palestrante ao vivo e toda a aula trazer um caso real para debate.

**9%** sugerem fazer a multiplicação de informações para mais salas de aula.

**6%** dos alunos apontam que poderia haver menos video aula e mais vídeos interessantes e curtos com menos teoria, mais objetividade e com menos dinâmicas.

**6%** dos jovens comentaram sobre os encontros: solicitam mais aulas, que os encontros sejam pelo menos duas vezes ao mês e mais aulas como o Juri Simulado.

**5%** sugerem realizar atividades externas como: visita a ONGs que apoiam as mulheres e delegacias especializadas.

**3 %** dos jovens sugeriram aprofundar mais os assuntos sobre: machismo, direitos, violência contra a mulher, feminismo, assédio, bullying, conceitos sociais, rede de atendimento, feminicídio e questões religiosas e culturais como influenciam na violência.

**2%** dos alunos deram outras sugestões de temas como:

Palestra de agressão da mulher contra o homem / violência contra o homem

Expandir para outros problemas sociais

Mais questões ligadas ao agressor

Discussão sobre aborto, gravidez indesejada

Abuso financeiro para os idosos

Violência contra gays

Dicas de defesa pessoal para mulheres

Trazer mais temas polêmicos



2% ainda citam como sugestão fazer uma dinâmica de inversão de papéis e uma simulação de violência para saber como agir na prevenção e ajuda.

2% sugerem expandir as informações para as ruas e para a internet.

2% sugerem que sua turma seja mais disciplinada e empática.

2,5% ainda sugerem outras ideias como: criação de um espaço para que os alunos se sentissem à vontade para falar, se expressar, acolher; acompanhamento psicológico em grupo - da sala - para vítimas de violência/ relacionamento abusivo e realizar um projeto coletivo (turma) para arrecadar alimentos e roupas para vítimas de violência.

### **8. Espaço para as críticas positivas e negativas e/ou observações que queira fazer:**

#### **Críticas positivas:**

59% dos alunos descreveram o projeto como uma iniciativa maravilhosa, que foi muito bom/incrível, com oficinas claras e bem explicativas, com temas interessantes, bem dinâmico e criativo.

43% dos alunos descrevem que o projeto poderia ser levado para um maior número de pessoas, incluir outras turmas e ter mais aulas.

24% dizem que agregou conhecimento, fatos, dados, canais de denúncia, ampliou assuntos de importância para nós, que permitiu reflexão e respeito ao próximo.

14% dizem que se sentiram orientados e capazes de ajudar as mulheres.

7% sugeriram a continuidade das atividades.

6% sentem que o projeto traz mudanças sociais, diminui o sofrimento de homens e mulheres, salva vidas e previne contra a violência.

#### **Críticas negativas:**

31% dos jovens descrevem que poderia ter menos vídeos aula e serem mais curtos. Sugerem também mais dinâmicas.

12% dizem que as aulas são muito longas, cansativas, repetitivas.

2% reclamam de ter havido pouco tempo e ter tido aula apenas 1 vez ao mês.

1% sentiu que a natureza do homem e a cultura foi repudiada.



**1%** colocou que foi exigido um projeto grande demais na aula 4 para pouco espaço de tempo, o que resultou em um trabalho de conclusão feito às pressas.

**38,5%** não descreveram críticas negativas.

Ainda:

**11,5%** sugerem falar um pouco mais sobre masculinidades e assuntos ligados ao homem; fazer uma peça teatral mostrando como é o comportamento de uma família machista e que o conteúdo seja acessível em plataformas digitais.

**7%** sugerem abordar assuntos mais chamativos e instigantes, pois esse foi muito difícil.

**4%** sugerem que as aulas tenham mais diálogos e uma maior interatividade.

***9. Espaço para colocar qualquer recado, depoimento que queira deixar para as empresas que apostam na continuidade deste projeto para outros jovens***

“Agradecer pelos ensinamentos passados, o projeto mudou meu jeito de ver meu mundo e os relacionamentos futuros que terei. Obrigada e que o projeto continue por um longo tempo, ajudando cada vez mais mulheres”.

“Quero agradecer as empresas que valorizam a vida e não pensam somente no lucro, mas sim na transformação social”.

“Esse projeto pode ajudar muitas pessoas a mudarem sua visão, assim como mudou a minha”.

“Ensine seus filhos a respeitar as mulheres. Não podemos mudar o mundo hoje, mas podemos mudar as próximas gerações”.

“Eu quero agradecer o projeto Se Liga Moçada por me trazer informações que talvez eu jamais aprenderia em outro lugar. Gostaria que vocês continuassem a passar todas essas informações para mais pessoas”.

“Continuem, mesmo que não salvem a todos, o mundo é salvo com um passo de cada vez”.

“É um projeto muito importante, que deveríamos assistir nas escolas. Assuntos como esses devem ser abordados desde criança, na adolescência e adultos nas faculdades. Realmente muda a forma de ser e pensar de qualquer homem, ele mudou o meu”.

“Esse projeto é muito necessário para dar mais voz às mulheres, que elas possam identificar um relacionamento abusivo”.



“Espero que esse projeto venha a crescer não apenas no CIEE, mas nas escolas públicas, porque assim vamos conseguir cortar o mal pela raiz e repassar a esperança que temos em dias melhores”.

“O projeto Se Liga Moçada é extremamente importante para nós, para a sociedade como um todo, pois explica, informa o motivo de muitas vezes agirmos como machistas e o que esse comportamento pode desencadear uma maior agressão. Por isso é indispensável falar cada vez mais sobre o assunto e assim diminuir esses comportamentos que rebaixam, menosprezam e diminuem a mulher na sociedade”.

“É muito bom para mudar o pensamento dos jovens e fortalecer quem já passou pela situação”.

“Esse projeto deveria ser passado no máximo de lugares possíveis. As mulheres precisam saber com quem podem contar e os homens precisam mudar o machismo enraizado pela sociedade. Todos possuem o mesmo direito e todos deveriam ser tratados como seres humanos. Mulheres não deveriam ter medo de andarem sozinhas, deveriam ser acolhidas na profissão que quiserem. Gente precisa de gente e todos nós temos que olhar por todos”.

“Não desistam deste projeto, isso é uma evolução enorme, ajuda muitas pessoas a perceberem que poderia ter ajudado uma pessoa nesta situação e agora, podem daqui para frente fazer diferente”.

“Que todas as mulheres, não só hoje, mas todos os dias, sejam livres de qualquer violência e que não lhes sejam negados direito à vida. Que sejam associadas a respeito e dignidade”.

“Projetos assim são importantes porque vão contra uma cultura enraizada que precisa acabar”.

“Por mais que você ache que saiba o que é violência, saiba que não é só isso, vai muito além do que você pensa. Imagino que esse projeto vai mudar seus conceitos e ressignificar outros”.

“O projeto é muito importante para falarmos sobre uma questão muito importante que é a violência contra a mulher, abordar o assunto e ensinar os jovens a serem mais empáticos em ajudar outras mulheres e até mesmo para não praticar a violência”.

“Esse projeto é gratificante e podemos ver a realidade obvia do momento. Muitas pessoas fecham os olhos ou nem mesmo querem olhar”.

“Enxergar o lado de outras pessoas, o que elas sentem e passam, resulta em uma reflexão de nossos comportamentos”.

“Todos os jovens deveriam ter acesso a esse projeto para aprenderem a respeitar, entenderem que o nosso espaço termina quando começa o do outro, que todas as diferenças e escolhas devem ser respeitadas e que não devemos julgar as pessoas, pois não estamos no lugar delas. Muitas vezes



acabamos tirando a vida das pessoas por conta da intolerância e de uma palavra mal dita. Se esse projeto continuar, poderemos mudar a forma cruel que nós vivemos e nos reconstruir sem rótulos e obrigações de ser quem não somos”.

“Para alguns jovens é um trauma reviver e a maioria não gosta de falar nesse assunto, pois traz lembranças que não são boas. O projeto ajuda a superar isso de forma muito compreensiva. Ajuda o jovem a se relacionar uns com os outros apesar das diferenças. O projeto Se Liga Moçada ajudou muitos jovens como eu. Muito obrigada!!!”.

“Tenho certeza que ajudou muitas pessoas e ainda irá ajudar. Apostem neste projeto e que continuem sempre ajudando a mudar vidas e realmente faz a moçada se ligar!”

“Gostaria de parabenizar a iniciativa!”.

“O que puderem fazer para transferir e ampliar as informações para todos é a melhor opção!!!”.

“Quanto mais os jovens tiverem contato com o assunto e estiverem abertos a mudar a cultura machista, melhor será para nós mulheres termos o direito à liberdade de viver sem medo de apanhar ou de ser estuprada. Então, continuem com o projeto!”.

“Parabéns a todas as mulheres que trabalham nessa ONG, trabalho muito importante e bonito que ajuda outras vidas e principalmente as mulheres a detectar um relacionamento abusivo”.

“É um ótimo projeto, com certeza ajudou de alguma forma os jovens a pensar sobre o assunto e usar toda aprendizagem para a vida”.

“É importante para os jovens terem essa percepção de que a violência está presente em nossa vida”.

“O programa é ótimo, ajuda a ter ciência de casos que acontecem com frequência, ajuda a saber como agir diante de uma situação de agressão à mulher e a nos conscientizar”.

“Sua escolha pode mudar uma vida”.

“Projeto muito legal, mostra pontos de vista, abre a mente, e o modo como a cultura traz violência de formas sutis que acabamos não percebendo”.

“E que divulguem mais os contatos para denunciar agressão. Quanto mais gente souber, melhor”.

“Esse é um ótimo projeto para conscientizar os jovens para a violência contra a mulher e que caso algum desses jovens sofra violência, eles estão sendo conscientizados e sabem a qual autoridade recorrer”.

“Que o projeto continue porque muitas mulheres estão precisando”.



“Continuem com o projeto, ainda há jovens que pensam que isso não existe”.

“Realmente vale a pena apostar nesse projeto porque ele faz a diferença!”.

“Obrigado por se importarem com essa causa tão importante!”.

“Que continue esse projeto que vai ajudar muitas mulheres que precisam de ajuda”.

“O projeto é maravilhoso e deve ser levado para cada vez mais jovens no país, pois é com a educação que se resolve grande parte dos problemas desse país”.

“O projeto é muito bom, pois abre o olhos de muitos homens para o respeito com as mulheres e devem ir as escolas públicas e particulares”.

“Para irem para as escolas, tanto particular quanto pública, pois acontecem muita violência levar palestras e dinâmicas para outros jovens e que podem ajudar suas mães e/ou pessoas próximas”.

“Na minha opinião deveria ser extensivo a todas as turmas”.

“Que continuem com projeto que é muito importante levar essas informações para os jovens”.

“Todo jovem tinha que ter aulas como estas, para refletir sobre o assunto para a violência não se tornar um assunto comum”.

“Este projeto é importante, pois ajuda as pessoas olharem para si e para o próximo e perceber quando algo está errado”.

“Eu achei que estava bem informada a respeito do tema, mas as oficinas trouxeram uma nova visão, e percebi que não sabia de muita coisa. Fico feliz por fazer parte disso e pelas outras turmas também!”.

“Continuem esse projeto em diversos Polos. Foram encontros muito bacanas, multiplicando nossos conhecimentos para que possamos ajudar a mais pessoas”.

“ Insista mais nesses projetos, isso muda vidas”.

“Gostaria de agradecer pelo apoio e pelo incentivo para todos os jovens”.

“Continuem sempre, pois isso faz muito bem e traz muito aprendizado para as pessoas”.

“É um projeto que pode salvar vidas e devem continuar apoiando e levando para todos”.

“ Temos que proteger as mulheres que muitas vezes já não possuem forças para reagir”.

“Aproveito para Parabenizar esse trabalho maravilhoso que estão fazendo. Muito obrigado”.

“ Projetos como esse, abrem a mente dos jovens, para construir uma sociedade menos violenta e principalmente desconstruir a ideia do machismo”.



“Peço a vocês para não pararem de apoiar a causa, pois é uma necessidade”.

“Continue, por favor, este projeto, pois ajuda muitas famílias”.

“Agressão jamais! Poderia ser com sua mãe!”

“O respeito é um valor fundamental para uma convivência em grupo, independente do sexo, respeite! Não é não!”

“Todos nós precisamos estar cientes da desigualdades entre homens e mulheres em todos os setores da vida. A gentileza entre homens não pode ser mais visto como fraqueza e sim como forma de mostrar a sua humanidade aos outros”.

“Para que possamos ter um mundo mais justo é preciso reconhecer essas histórias, equiparar gêneros, a juventude precisa dessa mensagem. As diferenças são inúmeras, entretanto é preciso mudar. É na juventude que se pode plantar esta semente e assim expandir para as escolas ou até mesmo para as empresas”.

“Se desejamos um mundo melhor devemos começar por nós mesmos. Uma das mudanças que necessitamos é entender que o fato de uma pessoa nascer com o sexo feminino, não é o motivo para que ela seja menosprezada ou tratada como objeto. Ela é um ser humano e portanto merece ser tratada como tal. Mulheres, vocês são fortes, lindas e importantes, sejam unidas e jamais se calem! Homens não tentem nos calar, respeitem nosso espaço e entendam que não somos propriedades de ninguém. Seres humanos em geral, respeitem o espaço e a vida do próximo, tenham conhecimento da importância de suas atitudes e no quanto isso afeta o outro. Obrigada pelo Projeto Bem Querer Mulher”.

“Com este projeto, nós mulheres nos unimos mais. Foi uma experiência incrível, saio deste projeto uma mulher mais empoderada e corajosa”.

“Empoderar mulheres, dar voz e apoio à elas, faz com que a evolução da nossa sociedade seja mais veloz e é exatamente isso que o Se Liga Moçada faz. O projeto encoraja as mulheres e mostra que elas não estão sozinhas em suas lutas e acho que quanto mais mulheres se sentirem encorajadas e ocuparem seus espaços, menos casos de agressões serão vistos”.

“Foi incrível a oportunidade que me deram de estar nessa causa de proteção as mulheres, obrigado”.

“Obrigada pelo conhecimento que me deram e pelo apoio”.

“Continue apoiando esse projeto! Frutos estão surgindo e raízes se firmando. Confiem que vocês estão fazendo a diferença”.



“Quanto mais esse projeto for aplicado, maior a rede para a troca de informações. Por favor ajudem a dar continuidade neste projeto incrível e sigam ajudando a todos que precisam”.

“O projeto é de grande importância para nós, é um marco. Ele é um passo dado em direção a dias melhores, é um avanço para nós como seres humanos que se respeitam e vivem em sociedade da melhor forma possível”.

“O assunto é algo que deve ser tratado, independente do local, pois traz segurança a quem precisa e formas de salvar vidas.

“Todas as salas do CIEE devem participar deste programa pois ajuda muito e agrega conhecimento dos jovens, com ideias, situações e etc, diferentes.”

“Continuem apostando porque tem muita gente que não sabe o tamanho que essa violência tem.”

“O meu recado é: que temos que ficar espertos (as) não deixem chegar no primeiro tapa, empurrão,

“Se puderem, deem continuidade porque esse me ajudou bastante e acho que pode ajudar mais gente também.”

“Muito obrigado pelo projeto pela oportunidade de participar, amei o projeto, acho que esse projeto irá ajudar muitas pessoas.”

“Que continuem, que podemos criar um Brasil sem machismo com as novas gerações.”

“Nesse projeto, aprendi a lidar com situações onde, eu, sendo homem, não usar delas com nenhuma mulher dentro ou fora do meu cotidiano, e pensar melhor antes de agir e cometer uma ‘besteira’.”

“Acho que todas empresas deveriam abrir um espaço para o assunto.”

“Muito importante esse projeto, pois tem pessoas que sofrem muito por não conhecer seus direitos.”

“Para os jovens que participarão das futuras oficinas, aproveitar cada momento, pois, é um aprendizado único.”

“Continuem ajudando as mulheres, não deixe elas pensarem que estão sozinhas, é muito bom saber que muitos ajudam e se preocupam.”

“Este projeto serve para educar os homens e mulheres no futuro há uma grande chance de melhorarmos a sociedade assim. Tornando um mundo melhor para todos”.

“Não parem o projeto, continuem ajudando os jovens a entender a violência contra a mulher e combatê-la.”

“Não pare o projeto, continuem ajudando as mulheres.”



“Devem continuar com o projeto, são ótimos, explicativos e deveriam ter em escolas públicas também, em qualquer escola, porque ajuda nós mulheres a se sentirmos seguras e para sabermos que sempre vai ter alguém para ajudar.”

“É muito importante, pois vários homens acham certo agredir e menosprezar as mulheres, o projeto explica que é errado.”

“Sigam sempre firmes acreditando no mundo que as mulheres tenham seus direitos valorizados e obrigada por nos dar a chance de conhecer e ao menos mudar e lutar por nossos direitos na sociedade.”

“Incentivem o conhecimento e divulgação deste trabalho, o conhecimento é nossa arma, precisamos ter munição, esta oficina bis traz isso...”

“As mulheres não precisam mais se esconder, são muitas vozes que falam por nós.”

“Empresas o investimento neste projeto é o futuro da sociedade, pois gera pessoas mais conscientes e que conhecem seus direitos e deveres.”

“Que esse projeto ajuda bastante para que possamos ter outra visão, sobre os assédios e violência.”

“Que continue a conscientizar as pessoas sobre tipos de violência e com o pode contê-lo tanto quanto dentro de casa quanto na rua.”

### **Análise:**

De forma geral, observamos que a grande maioria dos aprendizes puderam agregar novos conteúdos e/ou aprofundar conhecimentos sobre a violência contra mulher. Também colocaram que o projeto permitiu uma maior reflexão e consciência de seus pensamentos, comportamentos e atitudes em relação a essa realidade. Sentem que estão mais preparados para reagir contra a violência e ajudar a fazer denúncias.

A maioria aponta que o projeto agregou algo em sua vida, principalmente em relação ao tratamento com as mulheres de forma mais respeitosa, a se policiarem mais em suas atitudes machistas e preconceituosas.

Os meninos citam a importância de ajudar as mulheres que sofrem violência e que agora sabem como ajudá-las. Descrevem que houve uma mudança em seus comportamentos e na sua forma de pensar, conseqüentemente, houve um maior amadurecimento e conscientização sobre o assunto.



As meninas apontam que mudaram suas posturas diante dos assuntos abordados relatando que se sentiram mais empoderadas, a buscar igualdade, a se valorizarem mais, a não aceitarem mais atitudes violentas e a não se calarem, sair da indiferença e ser pró ativa e empática com outras pessoas, a curar as feridas e a se libertar.

Com uma metodologia voltada a vivenciar o conteúdo dado em cada encontro, acreditamos que o jovem pode absorver as informações de forma a trazer para ele todo o contexto do trabalho e assim, se sentir parte dessa problemática que existe tão acentuadamente em nosso país.

Tiveram contato com índices da violência que só crescem e que se não começarmos a refletir passando primeiramente por nós, de o que estou emitindo de comportamento para contribuir com essa violência, não romperemos nunca este ciclo.

Puderam protagonizar debates, multiplicação de informações a outros alunos não participantes do projeto, colocar suas angústias sobre seu papel e também dialogarem sobre como gostariam de ser representados na sociedade. Esses exercícios fizeram com que despertassem para uma atitude ativa e sensível perante o que foi discutido em sala, passou de uma forma passiva de ver o assunto para uma forma pró ativa de ajudar e de acolher as pessoas.

Passaram a olhar esse tema de forma mais atenta em seu entorno, com familiares, amigos e por onde passam.

Gostaram de forma geral de todos os encontros ministrados, pois a média das notas atribuídas por eles às aulas ficou acima de nove. Porém, citam que as vídeo aulas poderiam ser mais curtas e estimulantes.

Sugerem que poderia ter mais relatos de vítimas da violência, ter mais dinâmicas e dramatizações.

Permitiram-se relatar experiências pessoais relacionadas à violência e foi por meio desses relatos que outros jovens puderam se enxergar e enxergar seus posicionamentos, perceber as implicações de seus comportamentos e entender os pensamentos que os levavam a um julgamento sobre esse assunto.

Notamos que, no decorrer do processo, os jovens que tem receio e medo de se colocar, foram se sentindo à vontade para expressarem suas experiências e compreensões de forma a não menosprezar o outro, praticando o respeito, a escuta e a empatia.

Esse talvez seja um dos maiores ganhos agregados que o projeto pode levar a esses jovens.



Segundo uma pesquisa divulgada no site *cartacapital.com.br*, investir em uma educação de qualidade é a solução para reduzir a violência. Na mesma pesquisa um mestre de estudos culturais, Raimundo Justino da Silva pela EACH-USP, acredita que é necessária uma participação mais coerente que mobilize as pessoas. “A educação de qualidade precisa estar conectada a outros elementos, como a cultura, a comunidade e o território”, “A educação é importante porque os estudos nos proporcionam conhecimentos e novas maneiras de acessar o mundo e de vê-lo, de forma mais expansiva e com melhores perspectivas”, afirma. ... “Acho que é essencial ocupar o tempo dos jovens com algo que trará retorno intelectual e cultural, além de uma nova qualidade de vida que lhe permita fazer escolhas”, completa.

Acreditamos que de fato esse projeto vem de encontro aos comentários acima mencionados, pois proporciona aos jovens falarem sobre questões do seu dia-a-dia encarando a realidade do seu entorno de forma a ampliar sua visão sobre a violência, causas e origem, permitindo se perceberem como inseridos nesse contexto e a partir daí, criar a possibilidade de novas atitudes e comportamentos – dando respostas novas para essa situação cultural no país. Acreditamos que desta forma, rompemos com um ciclo milenar, pois temos a oportunidade de repensar os impactos causados por nós antes, com o objetivo de instaurar um novo comportamento. Até então tínhamos atitudes inconscientes e repetitivas, vindo de uma educação patriarcal, que já não nos representa mais e que já causou muito sofrimento tanto para homens e principalmente para as mulheres.

Somente desenvolvendo o ser humano enquanto pessoa, exercitando a sua empatia e seu preparo para a cidadania é que conseguiremos adquirir a preservação de nossa dignidade humana, sejam eles homens ou mulheres. Quando o jovem percebe isso, ele transforma seu olhar para essa questão e passa então a ser multiplicador dessas informações, protagonista da preservação da integridade em relação às situações de violência que presenciará daqui para frente e mais do que isso, torna-se um ser humano melhor, capaz de alterar seu futuro e seus relacionamentos daqui para frente.

**9. Aplicação de questionário qualitativo para levantamento da percepção dos instrutores participantes em relação ao projeto:** ao final do último encontro foi distribuído um questionário contendo perguntas abertas sobre o projeto, seu impacto junto aos adolescentes, clima de trabalho da turma e pontos de melhoria para o caso da continuidade do mesmo.

Solicitamos também, uma questão dissertativa para os instrutores e para os participantes envolvidos no trabalho colocarem sob seu ângulo de visão como viram o projeto.

Ao todo recebemos **31 avaliações** dos instrutores.



Abaixo segue a compilação dessa avaliação:

### **1. Como instrutor (a) o que achou do projeto em geral?**

**65%** colocaram que o projeto foi: uma belíssima iniciativa/ gostou da proposta/ maravilhoso/ muito importante/ de grande valor/ enriquecedor/ fantástico/ relevante/ incrível/ sensacional/ extremamente interessante / muito interessante/ bem bacana.

**45%** descreveram que: gerou muita reflexão/ mudanças/ conscientização/ desenvolvimento/ desconstrução de paradigmas/ ressignificação/ forte impacto por parte dos alunos.

**32%** colocaram que: Condução das oficinas se deu de forma sensível, cativante e empática, num formato dinâmico, prático e linguagem próxima aos alunos.

**29%** descreveram que foram: temas complexos, importantes, atuais e de difíceis acesso e aceitação, que condizem com as necessidades dos jovens.

**19%** salientaram que foi: coerente, informativo, didático, bem estruturado, informações atualizadas, excelentes conteúdos.

**16%** citaram que foi Importante não só para os jovens, mas também para os instrutores.

**16%** descreveram que os alunos se identificaram com o projeto por vivenciarem alguns indícios de violência nos seus lares e/ou parceiros e parceiras/ por ser parte de sua realidade, e não sabem como.

**6%** citaram que muitos jovens puderam perceber suas próprias atitudes agressivas.

**6%** citaram sobre a seriedade do projeto/ cumpre um papel social.

**6%** descreveram que deveria ser ampliado para outras turmas que também podem se beneficiar com o “Se liga moçada”.

**3%** citaram ainda: que os alunos tiveram acesso às maneiras de denunciar, gerando uma rede de apoio; que o projeto complementou o que já fazem em capacitação com os alunos; que foi necessário, por atuar com “futuros agredidos e/ou agressor” e que se sentiu privilegiado/a por sua turma ter sido contemplada com o projeto.

**3%** colocaram que por vezes, o tempo foi curto para a oficina proposta.

**3%** disseram que foi uma excelente carga horária.

E **3%** citaram que em alguns encontros, jovens demonstraram cansaço pelos vídeos longos.



## **2. Como acredita que o projeto pode ajudar os aprendizes?**

**42%** disseram que os alunos comentavam e trocavam reflexões entre os encontros (mensais)/ troca de experiências/ conscientização/ aprendizado/ pensar o assunto sob diferentes aspectos.

**39%** descreveram que notaram mudanças em como veem o assunto/ novo olhar/ passaram a repensar práticas e crenças/ transformações positivas na postura, no comportamento e nas escolhas dos jovens.

**35,4%** descreveram que agora conseguem identificar e denunciar uma situação de violência consigo e com os outros/ incentivou-os a ajudar na luta contra a violência de modo geral.

**19%** citaram que os alunos puderam propagar/ multiplicar as informações recebidas.

**16%** descreveram que o projeto agregou informações pertinentes aos jovens/ acreditam que quanto mais informações, melhor; puderam conhecer todos os tipos de violência, já que muitos achavam que violência seria somente a física / ou achavam normal determinadas situações que na verdade são violência.

**13%** colocaram que adquiriram consciência de seu papel como cidadão, que devem proporcionar apoio e gerar transformação.

**13%** descreveram que muitos já foram vítimas e/ou presenciaram situações de violência em família ou pessoas próximas, mas compreendem que há tempo para mudanças.

**9,6%** citaram que houve empoderamento dos jovens/ perceber que eles têm voz/ tornarem-se protagonistas sociais.

**9,6%** colocaram que no início o assunto choca os alunos/ é cruel, mas esse choque é necessário para despertar o interesse pelo tema, a relevância, empatia e respeito.

**6,4%** descreveram que desconstruíram paradigmas e justificativas para agressões.

**3,2%** colocaram que o projeto estimulou os jovens a falarem sobre os medos.

**3,2%** disseram que os jovens puderam perceber a gravidade atingida.

## **3. Acredita que a turma tenha aproveitado os conteúdos e tenham refletido seus comportamentos? Descreva algum case que mereça ser destacado.**

**97%** dos instrutores colocaram que **SIM**



**3%** dos instrutores colocaram que os jovens de sua turma estavam resistentes no início, depois aproveitaram.

**24%** dos instrutores disseram que os jovens continuavam os comentários pós-encontros, geravam depoimentos/ discussões muito ricas/ saudáveis/ críticas/ com empatia e respeito.

**22%** dos instrutores disseram que: muitos jovens passaram a identificar situações pelas quais estavam passando ou de algum conhecido/ familiar como violentas, algumas chegando a defender a vítima e a denunciar o autor de violência.

**16%** dos instrutores salientaram que houve turmas com mais de 90% de homens e/ou outras com alguns meninos e que muitos deles revisaram as suas atitudes, seus pensamentos referentes às mulheres.

**8%** disseram que contribuiu bastante para sensibilizar os demais colegas.

**5%** disseram que as apresentações finais foram feitas com excelência, responsabilidade e coletividade.

**5%** colocaram que o projeto quebrou conceitos prontos e ideias apresentadas no início, de teor machista, mudando o olhar o grupo.

**2,5%** descreveram ainda que tiram muitos encaminhamentos e que estão acompanhando todos eles.

Cases que destacaram:

“Um garoto dividiu com a sala que via certas situações que acontecem em festas e bailes como ‘normais’ e que após o projeto tem tido mais cuidado, além de conversas com os amigos, enfatizando que “Não é Não” e que se a garota não estiver em condições de “responder”, não deve insistir, pontuou que não devem insistir em nenhuma situação. “O Não da mina deve ser respeitado”, disse o jovem”. (Polo São Caetano do Sul).

“Nessa turma tivemos o caso de um jovem que depois do encontro veio me procurar para falar que tinha se reconhecido no papel de agressor e que não gostaria mais de continuar sendo assim. Esse jovem foi encaminhado para atendimento com a assistente social.” (Polo São Caetano do Sul).

“No primeiro encontro uma jovem se emocionou por viver questões familiares desde sua infância que a marcaram muito e ter a consciência que não é seu desejo para o seu futuro.” (Polo São Caetano do Sul).



“Tivemos um jovem que ao final do primeiro encontro levantou a mão e disse “eu não percebia que eu era um agressor” até este encontro, mas agora vejo que eu agredia meus colegas gays e as meninas com as brincadeiras que fazia, não imaginava o quanto estava fazendo mal a estas pessoas.” (Polo Liberdade).

“Ao final do terceiro encontro, o aprendiz disse que durante toda a sua vida viu seu pai agredir sua mãe psicologicamente e que através desse projeto ele pode identificar que estava replicando tudo que via em casa com a sua namorada e até com a sua mãe e suas familiares. O jovem informou que tinha atitudes grosseiras e que via a figura feminina como alguém que foi ‘criada para servir os homens’. No final do terceiro encontro em uma roda de conversa, ele disse que se envergonhava de como vinha agindo ao longo da vida e de seus pensamentos e atitudes a respeito das mulheres, ele achava aquilo normal e não via como uma agressão ou violação. “Hoje eu posso olhar para dentro de mim e repensar as minhas ações e atitudes, hoje eu posso fazer melhor e ser um homem melhor para aquelas mulheres que eu amo” (palavras do jovem).” (Polo Liberdade).

“A jovem informou que depois do segundo encontro ela criou coragem para conversar com a sua mãe e para procurar ajuda. Ambas estão tendo assistência e segundo a jovem a vida delas mudou muito. Fico muito feliz em saber que esse projeto lhe deu essa oportunidade” (Polo Liberdade).

“Percebi o quanto minha turma aproveitou o conteúdo abordado quando em um encontro com o tema Direitos Humanos, que não aborda esta questão, muitos jovens citaram a violência contra a mulher como um dos pilares do abuso contra os direitos humanos.” (Polo Osasco).

“Uma aprendiz estava sendo vítima de um relacionamento abusivo e não o reconhecia como tal, considerava o “jeito” do noivo normal. Através do projeto ela conseguiu sair dessa relação e buscar ajuda.” (Polo Osasco).

“A turma evoluiu muito, entretanto alguns aprendizes ainda têm a mente fechada em relação ao tema.” (Polo Barueri).

“O encontro mais impactante foi o terceiro, quando ouvimos o lado do agressor, pois até então ninguém havia parado para pensar, refletir sobre esse outro lado e alguns jovens da minha turma tiveram dificuldades para compreender que há sempre dois lados.” (Polo Barueri).

“No penúltimo encontro, quando o caso de agressão a uma mulher pelo jogador Neymar foi colocado em pauta, um aprendiz, inicialmente, tentou defendê-lo, mas depois mudou de ideia.” (Polo Barueri).



“Durante o segundo encontro, no momento em que teriam que representar a diversidade, perceberam que não precisava ser mulher para representá-las naquele momento, falar sobre empatia e conscientização que começou com a seguinte frase: “a gente é indiferente até o momento que acontece com a gente”. (Polo Barueri).

“Em um dia, após os encontros, em uma roda de conversa, o assunto foi colocado em pauta e houve um momento de muita emoção, com lembranças de acontecimentos passados, porém as jovens citaram que já conseguiam olhar para esses acontecimentos resignificando.” (Polo Guarulhos).

“Na sala de aula aconteciam alguns episódios de meninas acharem que podiam tratar os meninos de qualquer maneira, com falta de respeito; e entenderam que o respeito deve ser mútuo e recíproco.” (Polo Campinas).

“Começaram a pensar mais na forma que acabam tratando suas colegas de capacitação, na desigualdade ou até mesmo na exclusão automática em algumas atividades.” (Polo Campinas).

“A aprendiz Yasmin namorava há 1 ano e 3 meses e com o passar do tempo do relacionamento abusivo, ela ama rir alto, abraça todo mundo, é simpática e segundo o namorado, isso era errado. Com o projeto ela teve coragem e terminou o relacionamento,” (Polo Jundiaí).

“A turma problematizou seus comportamentos e práticas sociais. Os garotos se colocaram no lugar das meninas, de como é se sentir insegura e com medo de andar na rua, por exemplo.” (Polo Jundiaí).

“Um jovem relatou que percebeu que submete a namorada a um relacionamento abusivo, ele ficou muito nervoso quando se notou ser um agressor e se comprometeu a buscar ajuda.” (Polo Jundiaí).

#### **4. Notou alguma diferença na sala de aula depois da realização dos encontros?**

**89%** dos instrutores disseram que **SIM**.

**8%** dos instrutores colocaram que **NÃO** notou nenhuma diferença.

**3%** dos instrutores não conseguiram opinar, pois a turma não era mais dele e não pode acompanhar durante o processo.

*Alguns relatos sobre essa questão:*

“Não sei, não pude acompanhar os desdobramentos em sala, pois houve uma mudança de cronograma de instrutor”.

“Não, esta turma já era muito coesa, com isso já existia um clima amistoso na sala de aula”.



“Não notei nenhuma diferença”.

“Normal”.

“Sim, a turma ficou mais à vontade para falar sobre o tema, não criam “monstros” em suas cabeças e percebem a importância em abordar o assunto”.

“Sim, acredito que ficaram mais acolhedores com os colegas e policiam os termos agressivos com os quais se tratavam antes”.

“Sim, as mudanças são gradativas, diárias, vistos que certos comportamentos machistas estão inseridos na sociedade”.

“Sim, a turma se envolveu com a temática e acabaram contando diversas situações que os próprios ou pessoas próximas viveram. Isso fez com que a turma se unisse mais e fossem mais empáticos e cuidadosos uns com os outros”.

“Sim, os grupos ficaram mais homogêneos e unidos, como se a vivência tivesse tornado o grupo mais maduro e consciente”.

“Sim, notei mais sensibilidade para com o outro. Tenho que destacar também que o comportamento dos meninos em sala de aula mudou, principalmente em relação às meninas e suas divergências de pensamentos”.

“Sim, os jovens passaram a expor com mais frequência suas opiniões, demonstrando que a partir dos encontros adquiriram uma opinião clara sobre a questão e principalmente uma postura de não violência e uma maior valorização de gestos e ações que conduzem a paz e a harmonia”.

“Sim, os aprendizes estão mais atentos, empáticos, empoderados, principalmente as meninas”.

“Sim, os dialetos mudaram, eles estão tomando mais cuidado”.

“Sim, a maior mudança tem sido comportamental, no trato e respeito com as meninas”.

Sim, senti um maior empoderamento em relação às meninas.

“Sim, na verdade a turma já se posicionava em tudo. O projeto trouxe outras reflexões, se tornaram ainda mais críticos”.

“Sim, percebi uma proximidade entre eles com sentimento de empatia e respeito”.



“Sim, eles estão mais calmos e se entendendo melhor, no sentido de o papel de cada um, independente de gênero”.

“Sim, os jovens apresentaram uma postura mais empática e cuidadosa uns com os outros”.

“Sim, após os encontros os jovens demonstravam uma motivação a continuar discutindo o assunto”.

“Sim, a não julgarmos mais e eu me incluo nisso. Mulheres não apanham porque gostam!”.

“Sim, percebi que algumas meninas ficaram mais pensativas e passaram a observar mais seus relacionamentos e de seus familiares”.

“Sim, alguns aprendizes ficaram mais inquietos referentes a determinados assuntos”.

“Sim, os aprendizes demonstraram estar mais empáticos e envolvidos entre eles e com a causa.”

“Sim, toda vez que surgem assuntos sobre relacionamentos notei que não há mais julgamentos e os jovens discutem a situação com mais propriedade”.

“Sim, notei que após os encontros, os jovens começaram a ter um olhar com muita empatia com as pessoas que já vivenciaram a situação de violência”.

“Sim, todos ficaram mais atentos com as questões abordadas, mais críticos e sensíveis às questões do tema”.

“Sim, propiciou um clima de empatia e companheirismo”.

“Sim, notei um clima mais amistoso entre os jovens”.

“Sim, nas reflexões”.

“Sim, com o projeto os alunos demonstraram mais maturidade, seriedade e aceitação, apesar de que o comportamento do grupo ter sido sempre muito bom”.

“Sim, eles ficaram reflexivos e gostam de comentar sobre o tema”.

“Sim, a diferença notória é que muitos aprendizes passaram a tomar mais cuidado com possíveis julgamentos, buscando perceber de maneira mais empática seus colegas”.

“Sim, no geral muitos aprendizes passaram a tomar mais cuidado com possíveis julgamentos, buscando perceber de maneira mais empática seus colegas”.



**5. Das informações e vivências realizadas durante os encontros, o que você acredita que sua turma mais gostou? Por quê?**

**20% colocaram que foram todas as dinâmicas e encontros em geral:** uma didática bem dinâmica possibilitando a participação de todos, os jovens absorvem mais as informações; ao final de cada encontro, pareciam muito empolgados a continuar a discussão dos temas; pela forma que a questão da violência foi abordada.

**16% colocaram que foi a Aula 1:** pelo conhecimento mais profundo do assunto, leis e os aprendizes se prepararam para se proteger e reagir caso acontecer, para se aproximarem da realidade, pelos tipos de violência que passaram a comentar nos encontros e sinalizou muitas questões que não percebiam; ciclo de violência.

**19% colocaram que foi a dinâmica da aula 1:** puderam trazer suas questões e percepções, eles puderam perceber que o assunto também dizia respeito à eles; tirou os jovens da zona de conforto e conseguiram identificar a violência e sua importância;

**19% colocaram que foi a aula 2:** pelos vídeos impactantes e depoimentos reais e programas de proteção à mulher, causou uma maior reflexão.

**13% colocaram que foi a aula 3:** pela ação voltada ao agressor, debate sobre machismo, discussão sobre as masculinidades, pelas informações do projeto *Tempo de despertar*, etc.

**32% colocaram que foi a aula 4:** O Júri Simulado – por ser mais dinâmico e ver as medidas cabíveis tanto para o agressor quanto para vítima; pela interação.

**13% colocaram que foi a multiplicação em outras salas:** se prepararam e se esforçaram para dar o melhor, interativo e de conscientização; criaram uma intervenção e pelo envolvimento/interesse da sala na execução trazendo muita maturidade ao grupo.

**6. Das informações e vivências realizadas durante os encontros, o que você acredita que sua turma menos gostou? Por quê?**

**30%** colocaram que acreditam que não houve nada que não gostaram: todos se engajaram neste projeto; tudo foi muito proveitoso; se envolveram demais com tudo.

**3%** acharam que a vídeo aula 1 foi cansativo e longo.

**5,5%** colocaram que foi a 1ª atividade, por estarem ainda conhecendo o projeto, por ser muito corrido.



**11%** colocaram que foi o vídeo da aula 2: acharam repetitivo e desnecessário com as mesmas discussões do primeiro a não ser pelas informações sobre a rede de apoio; repetitivo e maçante; os números os assustaram.

**13,5%** descrevem que foram os depoimentos/vídeos da aula 2, porque impactaram muito a turma; grande significância no desenvolvimento do projeto; os assustaram demais.

**5,5%** citaram que foi o vídeo da aula 3, porque mostra como trata o agressor e sai em sua defesa, vídeo longo.

**19%** citam que foi as vídeo aulas de maneira geral: duração/muito longos; possuem dificuldades em focar a sua atenção por muito tempo; foram cansativos.

**3%** citaram o Júri Simulado, pois para alguns foi muito difícil ter que defender o agressor.

**3%** citaram sobre o tempo do projeto: todos colocaram que passou rápido demais.

**3%** citaram que os meninos principalmente destacaram o fato de um homem mediar assuntos relacionados à mulher, faltou representatividade.

**3%** colocaram que a falta de seriedade por parte de alguns aprendizes prejudicou o envolvimento dos demais.

### ***7. Se o projeto pudesse continuar quais as sugestões você faria?***

**29%** sugeriram mais atividades dinâmicas e de sensibilização.

**29%** sugeriram a continuidade do projeto para mais jovens/turmas.

**16%** sugeriram mudar o formato das vídeo aulas apresentadas, muito cansativo e monótono, mais curtos.

**16%** sugeriram diminuir o espaço de tempo entre um encontro e o próximo – exemplo: de 15 em 15 dias.

**9,5%** sugeriram trazer mais testemunhos de casos reais.

**6,5%** sugeriram abordar outros temas como: assédio, conflitos familiares e sexualidade.

**6,5%** sugeriram mais encontros: principalmente o júri simulado ser um encontro só com ele e um encontro para a multiplicação das informações (incentivar os jovens a fazer uma roda de conversa após as apresentações – é muito produtivo entre os jovens).



**6%** sugerem uma preparação com os instrutores antes de iniciar o projeto e também de como lidar com os jovens nos pós-encontros.

**3%** sugeriram trazer mais as vivências deles sobre o assunto.

**3%** sugerem promover mais debates que eles adoram.

**3%** sugerem mais atividades competitivas exemplo: quizz, passa ou repassa, etc.

**3%** sugerem incluir texto para leitura compartilhada.

**3%** sugerem trazer mais peças teatrais é um recurso didático rápido e impactante para o jovem.

**3%** sugerem trazer um voluntário que atende as vítimas de violência na sala.

**3%** sugerem haver mais tempo para a realização das atividades.

#### **8. Espaço para as críticas e observações que queira fazer.**

**39%** citaram que não haveria nenhuma crítica a fazer.

**3%** citaram que a distância entre os encontros era muito grande, por conta da rotatividade dos jovens em sala (saindo e chegando do programa) e que muitos não conseguiram assistir o projeto todo.

**3%** colocaram que os vídeos da segunda aula foram dificultados por falta de notes/computadores para serem assistidos simultaneamente.

**3%** colocaram que o encontro 2 poderia ser melhor explorado, com outras propostas de exercícios.

E ainda:

**16%** sugeriram para o projeto abranger mais turmas.

**9,5%** sugeriram maior tempo para a realização das atividades, para que as discussões possam ser mais profundas.

**6%** sugeriram ser realizado um encontro antes do início do projeto com os instrutores para a sua formação presencialmente.

**3%** sugeriram finalizar o programa no mês de julho, pois muitos jovens saem de férias.

**3%** sugeriram que o material seja disponibilizado para os instrutores.

Relatos das observações:



“Gostaria de salientar a gentileza da pessoa que conduziu e a propriedade de conhecimento dos temas abordados”.

“Pude observar que alguns jovens tocados pelas situações expostas, acabaram compartilhando situações pessoais vivenciadas por eles”.

“Agradeço a Carmem por todo empenho e sensibilidade”.

“Agradeço a todos os envolvidos, principalmente a Carmem”.

“Que o projeto cresça e multiplique para que mais jovens tenham a oportunidade de desconstruir e reconstruir seus conceitos”.

“Seria maravilhoso se pudéssemos trazer como convidada a promotora de justiça”.

“O projeto é de extrema relevância e foi muito bem ministrado pelo Adriano”.

“Foi gratificante, pois tive a oportunidade de conhecer os aprendizes fora do espaço de capacitação”.

“Trabalhar mais o potencial dos jovens com peças teatrais”.

***9. Espaço para colocar qualquer recado, depoimento que queira deixar para a possível continuidade deste projeto para outros Polos e jovens.***

“Desejo mais sucesso para esse Projeto tão lindo. Que possam continuar alcançando e ajudando muitas pessoas que sofrem com o tema abordado, que cada vez mais os dados diminuam e que vocês, colaboradores do Projeto tenham ainda mais sabedoria, paciência e amor para lidar com esse tema tão frustrante. Só posso agradecer em meu nome e dos meus aprendizes!”.

“Este projeto é muito importante para o conhecimento de todos. Muitas vezes para identificar questões que vivemos e que pessoas muito próximas vivem e sentem vergonha de expor, por entenderem que seja uma fase ou ainda que seja normal. Este projeto necessita ser expandido, para que possamos cada vez mais combater essa covardia do feminicídio.”

“O projeto é maravilhoso e precisa ser feito em todas as turmas”.

“Achei tudo muito bacana”.

“Ótimo projeto. A conscientização das gerações jovens é o melhor caminho para a mudança”.

“Acredito que quando não falamos sobre a violência, fingimos que ela não existe, aí colhemos os frutos da negligência”.



“Aproveitem! Os encontros são muito enriquecedores e trazem muitas informações que nos darão subsídios para lidar com esse assunto posteriormente”.

“Estes temas são de suma importância para toda a população. Só podemos desejar e crer nas mudanças e transformações de uma sociedade quando pautados na educação e conscientização de todos”.

“Algo se destaca é a forma de ensinar o homem a não ser violento, desde pequeno – uma educação contra a violência e o machismo, cortando o mal pela raiz”.

“É um lindo projeto, espero que ele possa continuar, sinto vontade de fazer parte”.

“Eu como educadora pude perceber o impacto que este projeto causou na vida dos jovens”.

“Nunca desistir! Resignificar o que eles sabem faz toda a diferença”.

“O projeto é incrível e como instrutor, devemos nos permitir e despertar todos os sentimentos propostos para o alcance desse objetivo: a desconstrução do machismo para a transformação social”.

“O recado que deixo aqui é se liga moçada, somos responsáveis por nosso desenvolvimento e por um mundo melhor. Sendo assim, comecem mudando a si mesmo e aproveitem a oportunidade para multiplicarem os bons frutos do projeto em seus ambientes familiares e de trabalho. Porque serão os futuros gestores e nada melhor do que líderes com todas as noções sobre direitos ativos que fazem a diferença na sociedade”.

“O que me chamou mais a atenção foi querer tratar a doença pela raiz, pensar também nos homens violentos, para que não machuquem mais outras mulheres. Bela iniciativa, vamos juntos!”

“Pessoas se sintam agradecidas por essa oportunidade, saibam que só o conhecimento liberta e esse projeto é libertador de dogmas, crenças errôneas e criação de novos valores”.

“Tenho apenas a agradecer a iniciativa, pois entendo que muitas ações violentas poderiam ser evitadas se estes agressores, em algum momento de suas vidas, tivessem refletido sobre os impactos familiares e sociais causados por ações violentas da própria família”.

“Projeto maravilhoso, enriquecedor para todos além de nos aproximar de uma triste e progressiva realidade, principalmente entre os jovens, nos ajuda a nos posicionar coerentemente ao nos depararmos com situações de violência contra a mulher, visto que o projeto nos dá subsídios para isso”.

“Informação é a nossa melhor e maior arma para todos os problemas”.



“Para mim a experiência foi muito boa. Em alguns encontros foi possível entender as discussões e ver os alunos crescendo em mentalidade”.

“Precisamos lutar juntos contra a violência. Todos unidos com um único propósito”.

“Gostaria de agradecer a existência desse projeto e fico feliz por termos a oportunidade de falar e trazer esse tema para os jovens. O CIEE como ONG tem papel fundamental na formação não só profissional, mas integral”.

“É um projeto que deveria ter um maior alcance possível. Que possa se estender para outras turmas”.

“Quero expressar meus agradecimentos ao Adriano que conduziu de maneira espetacular cada encontro, aproveito para dizer que os aprendizes amaram, todos ficaram muito satisfeitos, muito obrigado e espero ter a alegria de recebê-lo em outras oportunidades e com outros aprendizes”.

“É preciso investir nesses jovens, explorar mais a criatividade de cada um, ouvi-los, amá-los e transformá-los. O projeto precisa realizar um trabalho junto aos instrutores, como treinamentos voltados à violência em sala”.

“O que impressiona neste projeto é a disponibilidade de todos os profissionais envolvidos, a capacidade de acolhimento e a comunicação acessível e assertiva para abordar um assunto tão difícil, porém necessário”.

“O projeto trouxe vivências e experiências que os aprendizes necessitavam a respeito do tema que foi tão bem tratado pelos profissionais que o aplicaram, além de ajudar muitos jovens a olharem para eles mesmos e supostas atitudes errôneas que afetavam ou poderiam afetar suas vidas de forma negativa e trouxe também tratativas positivas em seus comportamentos, Acredito que esse projeto mudou muitas vidas e ajudou a modificar pensamentos e até pessoas”.

“Aproveitem todos os momentos e mergulhem nas discussões, participar do projeto é rever os próprios conceitos, acolhendo a si mesmo e aos outros”.

**10. Para você o que significou estar em sala junto aos aprendizes e de certa forma fazer parte deste projeto? Agregou algo? Se sim, o quê?**

“Sou suspeita a falar, amo abordar esses tipos de temas, então, ficar em sala foi muito gratificante. Podemos ter 30, 50, 80 anos... E nunca vamos saber de tudo. Aprendi muito e o mínimo que pude e ainda posso fazer é repassar tudo o que foi passado para nós. É um Projeto Humano, que acaba se destacando em meio a tantos caos na sociedade. Só posso dizer que não tem algo específico que tenha



sido melhor, o conteúdo do Projeto num todo é brilhante! Eliane, obrigada por essa parceria. Sucesso!!!”.

“Com toda certeza agregou em minha vida profissional e pessoal. É um assunto que já conheço, porém foi de extrema importância enxergar por outros pontos de vistas e, o quanto é sério. Pois já presenciei situações em nossas vidas que podem caminhar para casos sem soluções, se não forem resolvidas ou eliminadas no momento certo. Agradeço grandemente tudo o que vivi nesse projeto, pois me ajudou de maneira pessoal, para a evolução e aprendizado. Reconhecer a dignidade humana em todas as formas nos tornam mais cuidadosos com nós mesmos. Espero fazer parte dos próximos e contribuir com este projeto grandioso. Gratidão define o que sinto”.

“Como instrutora foi muito importante fazer parte deste projeto, pois é muito valioso observar os jovens empenhados em temas tão atuais e construindo um pensamento próprio e crítico”.

“Conhecimento sempre nos agrega algo, muitas vezes tratamos o assunto com superficialidade, nos encontros pude perceber como é importante conhecer e aprofundar conhecimento para saber como se proteger e proteger os alunos”.

“Eu me senti aluno! Particpei com o coração aberto e me fez refletir o meu papel de educadora, mãe, esposa, cidadã e claro além de muita informação importante!”.

“Me ajudou a ter uma percepção melhor da minha turma, entender a realidade e/ou contexto de alguns que se pré dispõem a expor/compartilhar algo pessoal sobre este assunto”.

“Agregou quando pudemos observar a reação dos jovens em capacitação, enquanto uns se sensibilizavam, outros acreditam que infelizmente que casos deste tipo não acontecessem com alguém próximo a eles”.

“Foi bastante significativo, agregou muitas informações, orientações, reflexões, visões e vivências dos jovens. Por vezes, pode parecer uma realidade distante, mas infelizmente pode acontecer quando menos se esperar”.

“Estou grata ao CIEE e as representantes do projeto Se Liga Moçada por ter dado esta oportunidade de aprender tanto. Durante uma oficina me senti à vontade para relatar que também presenciei a violência doméstica quando tinha a idade deles por meus pais. Sempre tive muita dificuldade em conversar sobre esse assunto, pois quantas feridas estavam guardadas e na oficina tive a oportunidade de colocar para fora e de me expressar. Hoje estamos no último encontro e consigo falar sobre a



violência doméstica com mais tranquilidade, estou pronta para ajudar e direcionar essas pessoas que sofrem por muito tempo sozinhas e com medo de julgamentos”.

“Foi de grande importância, pois nos deparamos diariamente com essas situações e o projeto trouxe também para nós instrutores, uma visão da atual situação da violência e a necessidade de ajuda para as mulheres”.

“Fez com que eu conhecesse os jovens mais profundamente. Tive contato com algumas realidades que talvez nunca ficasse sabendo, e conseqüentemente não poderia ajudá-los”.

“Fazer parte do projeto foi um privilégio, porque não podemos preparar os jovens para o mundo do trabalho se não conscientizarmos de seus valores e acreditar num futuro melhor”.

“Foi bastante gratificante, agregou muito conhecimento e também contribuiu para um maior entrosamento com os jovens, no sentido de como a violência está em cada um, muito mais que se imaginava”.

“Foi uma experiência única, de muito aprendizado”.

“Gostei muito, adquiri um conhecimento maior que levarei para a minha vida e terei a oportunidade de ser uma multiplicadora”.

“Foi muito importante, pois fazemos parte de tudo isso diariamente. Saber como proceder nesses casos é muito importante. Ter as informações faz toda a diferença”.

“Agregou totalmente! Ampliou toda a forma de pensamento, estimulou o meu olhar sobre a temática, a fim de opinar com responsabilidade e assertividade. Modifiquei o meu olhar sobre o agressor, fruto de uma construção social”.

“Super agregou, antes de ser profissional sou humana e necessito multiplicar e agregar ideias. O espaço aberto para discutir juntos dos aprendizes é super válido enquanto aprendizado para vida”.

“Estar em sala e poder auxiliar na mediação de um assunto tão importante significa um orgulho imenso. Pois é um projeto incrível, que agrega a todos os envolvidos”.

“Sem dúvidas significou, pois pude aprender muito e verificar o quanto a violência contra a mulher está tão próxima da vida dos aprendizes. Significou para mim a valorização da mulher, do homem e da família, pois quando valorizamos a família quebramos preconceitos e criamos valores”.



“Além de termos a oportunidade de observar as reações causadas pelo impacto do tema levantado, também fizemos nossas próprias reflexões e constatamos a necessidade de trabalhar estas questões com os nossos jovens”.

“Eu adorei ver este projeto ser desenvolvido e permitiu que eu ampliasse meus conhecimentos sobre a temática, além de proporcionar recursos e informações para melhor orientar os aprendizes em relação aos direitos, deveres, violência doméstica e todas as outras vertentes que envolvem o tema”.

“Como instrutora, gostei muito do projeto principalmente para que o jovem tenha acesso às informações e assim provoque a mudança de comportamento, ou seja, agregou e muito pessoalmente como profissionalmente”.

“Sem dúvida a oportunidade de conhecer meus aprendizes com um olhar diferenciado”.

“Foi maravilhoso estar em sala com os aprendizes, acompanhando as palestras, vendo o interesse deles e a motivação de cada um. A cada mês pude observar a evolução nos comentários. Sinto-me privilegiada em aprender e participar”.

“Nas oficinas participei como aprendiz, ouvi e aprendi muito, pude trazer minhas vivências. Todas as vezes que trazemos esses assuntos à tona, é possível agregar algo novo, até a minha maneira de ver ou pensar a respeito do tema. Sinto que estou mais preparada para lidar com os jovens e também lidar com possíveis casos que possam ser expostos durante a capacitação. Na vida pessoal, por exemplo, passei a olhar mais para o outro, julgando menos e refletindo sobre as minhas ações”.

“Foi muito importante. É um assunto que me interessa muito e que gostaria de tratar em capacitações. Agregou no sentido de ver movimentos de luta contra este tipo de violência, como o encontro dos homens”.

“Significou muito, porque amo o que faço, tenho paixão por educar e fazer parte deste projeto foi de extrema importância, agregou muito, pois após este período os jovens se aproximaram mais uns dos outros e tem demonstrado mais empatia e a consciência que não devemos julgar ninguém, que devemos respeitar uns aos outros”.

“Para mim, acrescentou mais empatia, pois pude constatar que cada jovem presente passa por situações que muitas vezes a sociedade não enxerga. Fazer parte desse projeto me fez entender que podemos fazer a diferença na vida de cada jovem, que podemos investir e escutar mais. A cada encontro um jovem se identificava com um tema, conseguindo se expor de forma saudável, libertando o que estava preso e que os incomodava. Quero fixar o profissionalismo da querida Eliane, parabenizá-la por ser tão amável e comprometida com os jovens e com o projeto, obrigada por tudo Eliane”.



“Além de aprender com as informações, o vínculo construído ente os envolvidos, poder vivenciar o amadurecimento e crescimento da turma como todo, sua evolução durante as participações e a criação da empatia destes meninos e meninas. Proporcionou crescimento pessoal e profissional”.

“Eu pude aprender muito, pude crescer junto com os jovens desse projeto e construí um vínculo incrível com todos eles. O projeto me permitiu aprender e compreender melhor o tema através das informações e as formas de aplicação dos encontros. Consegui também acompanhar de perto o crescimento e amadurecimento de muitos aprendizes, além da evolução e participação ativa de cada etapa. Pude ver formas de empatia e solidariedade, mas o que mais sou grata é por descobrir pessoas tão capazes de se modificar e compreender seus próprios erros. Com toda certeza esse projeto é necessário para o desenvolvimento e conscientização desses jovens que podem ser possíveis agressores ou possíveis agredidas no futuro. É essencial para a formação deles e identificação de atitudes que podem leva-los a suposta violência”.

“Foi bastante significativo como aprendizado pessoal e profissional, pude dar suporte para a educadora e em alguns momentos realizar links por conhecer a turma, foi um oportunidade de conhecer melhor os jovens, principalmente por estarem em uma situação diferente da capacitação cotidiana e com outro educador. Pessoalmente fez com que eu também repensasse algumas práticas, ampliou meu repertório sobre o assunto e automaticamente levei as questões discutidas e aprendidas para outras turmas e colegas do Polo”.

### **Análise:**

Para os instrutores, conforme a análise das avaliações descritas, pudemos notar que quase a totalidade considerou o projeto muito bom, gerando um grande impacto para os alunos.

Consideraram um tema muito pertinente uma vez que a grande maioria dos jovens já vivenciou e/ou vivencia isso de alguma forma em sua vida.

Ressaltaram a forma que foi passada as informações, pois descrevem que as aulas foram bem estruturadas, trazendo informações atualizadas, cativante e empática, num formato dinâmico, prático e com uma linguagem acessível aos alunos.

Salientaram que notaram mudanças nos comportamentos dos alunos, com um novo olhar para o tema - passaram a repensar práticas e crenças, tiveram transformações positivas na postura e no comportamento. Adquiriram consciência de seu papel como cidadão e que devem proporcionar apoio para gerar transformação.



Sugeriram estender o projeto para mais turmas, ter mais atividades de sensibilização e dinâmicas de grupo e também rever o formato das vídeo aulas para que sejam menos longas.

Gostaram muito de ter participado do projeto, pois como a violência faz parte da sociedade, o tema é pertinente a todos. Eles colocam que tiveram também a oportunidade de se rever e de aprofundarem o olhar para poderem ajudar a mais alunos e pessoas.

Também ressaltaram a importância de ter conhecido mais profundamente seus alunos e da aproximação, de uma forma que talvez, não teria tido outra oportunidade.

Devemos ter em mente que a experiência da violência é extremamente dura e permanece viva durante muito tempo na mente e na vida das pessoas que passaram ou estão passando por esta situação.

O Papel do instrutor foi fundamental neste projeto, pois foi ele que “segurou” a maioria das queixas vindas pelos jovens e teve que demonstrar uma preparação emocional para poder acolher a todos.

Na ideia que o instrutor também foi capacitado em serviço a lidar com estas questões da violência e como ser humano também pode se rever e repensar suas atitudes diante do tema, sabemos que foi um desafio essa “mudança” no papel de orientadores e que algumas vezes foi envolvido outros atores como: analistas, assistentes sociais e familiares.

Segundo eles, saíram de uma situação que aparentemente estava acomodada em relação a esse tema com os jovens, para um “despertar”, estimulando-os para terem coragem de se expor e discutir abertamente sobre o problema da violência, enfrentando-a em suas origens e não apenas criando mecanismos de defesa, que surte pouco ou nenhum efeito positivo.

Acreditamos que este é um dos caminhos mais eficazes e efetivos para prevenir e combater a violência, fortalecendo os instrutores e equipe dos polos para, através deles, oferecer aos jovens, pessoas em formação, uma pequena vivência de cidadania que se fará sentir para o resto de suas vidas.

## **10. Reuniões de sensibilização e fechamento do projeto com os Polos envolvidos:**

**Reunião de Sensibilização:** No dia 08/04 foi realizado um encontro com os coordenadores e instrutores do Polo de Osasco para uma sensibilização do Projeto Se Liga Moçada!



A Heloisa (Coordenadora Geral do Projeto) e Adriano Mota (Facilitador do Polo) colocaram a importância da atuação em parceria para o sucesso do Projeto junto aos jovens.

### **Reuniões de fechamento do projeto 2019:**

#### **Polos da Capital:**

Em 29/08 realizamos uma reunião de fechamento do projeto Se Liga Moçada 2019 com os Polos Bacelar, Butantã e Liberdade.

Estiveram presentes as analistas: Cristiane Torquato e Viviane Altoé; os instrutores: Diego, Edna, Eliane, Gabriela Lima, Gabrielle, Paloma, Raissa, Rosângela e Samanta; a assistente social Meire.

Todos colocaram que o projeto agregou e muito para os jovens, principalmente em suas reflexões e também em seus comportamentos, que evoluiu em relação à união e respeito dentro da sala de aula, revelando maior empatia entre eles.

Perceberam que causou muito impacto as informações e dinâmicas levadas, tanto que o projeto continua vivo até o momento dentro da sala de aula.

Uma trouxe uma sugestão para 2020, propondo que os instrutores escolham o projeto, que queiram participar e se prepararem para recebê-lo.

Foi também discutido a escolha das turmas participantes para 2020, porém em nosso entendimento o projeto deve ser para todos, oportunizando todos os jovens.

#### **Polos distantes da Capital:**

##### **- Polo Guarulhos:**

Em 28/08 foi realizada uma reunião de fechamento do projeto Se Liga Moçada 2019 com a Analista Bruna Santos e as instrutoras: Roseane, Sara e Vanessa.

Elas colocaram que a metodologia usada no projeto para os jovens foi muito eficaz, pois prendeu a atenção deles e os sensibilizou para o tema em questão.

Uma instrutora nos contou que uma de suas turmas escreveu um projeto de multiplicação para mais 4 turmas que não haviam participado e os jovens que receberam as informações por eles, também fariam a sua multiplicação para mais 4 turmas do Polo.

De acordo com as instrutoras, os jovens mudaram seu olhar em relação ao agressor, vendo-o como uma pessoa que possivelmente possa também mudar as suas atitudes.



Outra instrutora propôs que pudéssemos realizar a multiplicação dos conteúdos pelos alunos, em cada oficina, garantindo assim, o repasse de todos os conteúdos apreendidos.

Também disseram sobre a forma que a vídeo aula 3 foi mostrada. Sugeriram colocar mais slides ao fundo da fala do Sergio Barbosa, ilustrando os conceitos apresentados por ele.

#### **- Polo Barueri:**

Em 06/09 foi realizada uma reunião de fechamento do projeto Se Liga Moçada 2019 com a analista Viviane Altoé e os instrutores: Elisa, Henrique, Dagna, Bianca, Marcelo, Daiane, Renata e assistente social Vanessa.

A analista colocou que neste Polo houve alguns desafios no decorrer do projeto como: mudança de instrutores, adaptação de espaço físico, mudança de local e etc.

Todos disseram que o projeto foi muito significativo para os jovens. Houve muita interação e participação, tendo notado mudanças de comportamentos “machistas”.

Uma instrutora compartilhou que sua turma multiplicou os conteúdos aprendidos no encontro das famílias de seu Polo.

Outra instrutora apontou não ter havido encaminhamentos específicos durante as aulas, pois o tema já havia sido tratado uma semana antes de o projeto chegar, mas mesmo assim pontuou sua importância e profundidade para ajudar na parceria com as assistentes sociais.

Alguns instrutores sugeriram que:

- Para as oficinas iniciarem a aula ou ficarem até o término dela, pois fica mais fácil para não interromper a matéria do instrutor.
- Para o material das oficinas ser disponibilizado aos instrutores antes das aulas, a fim de saberem do que se trata.
- Realização de atividades externas como: “trazer vítimas” ou visitas a ONG’s.

#### **- Polo Osasco:**

Em 10/09 foi realizada uma reunião de fechamento do projeto Se Liga Moçada 2019 com a analista Viviane Altoé e os instrutores: Monalisa, Geraldo, Rafael, Helida e Gleiciele e o facilitador Adriano.



Uma instrutora disse a importância do projeto tanto para os jovens quanto para os instrutores e que gostaria que acontecesse mais vezes.

Relataram que alguns jovens contaram suas histórias de violência e notaram mudanças em relação ao respeito com as meninas e maior união da sala após o projeto.

Sugeriram para 2020: que fosse sequencial – uma vez por semana e para haver oficinas do projeto também no período da tarde no Polo.

#### **- Polo Campinas:**

Em 11/09 foi realizada uma reunião de fechamento do projeto Se Liga Moçada 2019 com a analista Cátia e os instrutores: Ana Carolina, Ana Paula, Jaqueline, Gislene e Matheus.

Conversamos pelo telefone com a assistente social do Polo que nos colocou ter sido desenvolvido um trabalho pelas assistentes sociais no Polo no mês de julho sobre “violência de gênero” junto aos pais e jovens. Já realizaram encaminhamentos sobre este assunto, sendo um deles, que aconteceu durante o desenrolar do Se Liga Moçada, a mãe de uma aprendiz que foi encaminhada para o projeto CEAMO (que atende vítimas de violência em Campinas).

Uma instrutora sugeriu que o projeto se Liga Moçada amplie sua rede de atendimento para os Polos de: Hortolândia, Americana, Vinhedo e Indaiatuba, além de Campinas.

Outra instrutora citou que apesar de ter uma turma muito numerosa, eles se envolveram muito com as oficinas e multiplicaram as informações de forma empoderada – com intervenções na área de lazer na hora do intervalo. Disse que a turma, muito de “panelinhas”, passou a fazer grupos com os demais da sala, permitindo assim, a interatividade com todos.

Outra instrutora apontou o fato dos vídeos terem provocado muitas reflexões. Após os encontros, replicou as informações para suas demais turmas que não participavam do projeto, pois se sentiu mobilizada a levar as informações a todos.

Um instrutor ressaltou que seu grupo, após o projeto, passou a se policiar mais quanto aos comportamentos e houve um convívio melhor entre eles.

Sugeriram que ao apresentarmos os conteúdos houvesse mais dinâmicas interativas e com mais intervenções para facilitar o interesse e a apreensão dos conteúdos pelos jovens.



## **Polo Jundiá:**

Em 20/09 foi realizada uma reunião de fechamento do projeto Se Liga Moçada 2019 com a analista Danielle Brollo e os instrutores: Andreia, Amanda, Aline, Kelly, Mateus, Isabele, Gustavo, Priscila e Andreia.

Iniciamos com algumas perguntas sobre o projeto e uma instrutora nos colocou que foi muito marcante para os jovens, pois iniciaram com a percepção de que a “Mulher apanha porque quer” e após as discussões das aulas, puderam perceber que há um conjunto de fatores que levam a mulher a se calar e não denunciar o agressor. Falou sobre os muitos relatos que os jovens trouxeram sobre a violência e que seria necessário levar para todas as turmas do Polo.

Outra instrutora ressaltou que o projeto foi muito dinâmico e com uma linguagem acessível aos jovens. A abordagem da facilitadora foi fantástica, muito jogo de cintura para contornar as situações trazidas pelos jovens e de como conduzia as discussões entre eles, com diálogo e muita reflexão, gerando respeito entre as opiniões dos alunos. Contou-nos de um caso em que um jovem saiu da sala durante a oficina. Ela saiu para falar com ele e o encontrou no celular pedindo desculpas para sua namorada por tudo que havia feito, pois se identificou no papel de “agressor”. Acabou relatando que fazia todos os tipos de agressão com sua namorada e que não gostaria mais de ser assim.

Outra instrutora notou uma maior empatia da turma após as discussões, pois o projeto mexeu muito com eles.

Outra instrutora ainda ressaltou que a atividade do Júri foi muito positiva, pois entraram no papel e também puderam ir além do que foi proposto pelo exercício.

Para 2020 sugeriram que o projeto fosse estendido para todos os alunos, que o tempo de duração das oficinas fosse maior e que fosse acessível na rede para todos.

## **Polo São Caetano do Sul:**

Em 23/09 foi realizada uma reunião de fechamento do projeto Se Liga Moçada 2019 com a analista Vanessa Nobrega, os instrutores: Indianara, Julio e Tatiana e assistente social Karina.

Uma instrutora nos contou que o retorno do projeto foi super positivo, com mudanças no comportamento dos jovens, pois passaram a se policiar mutuamente em relação aos comportamentos machistas. Suas turmas fizeram questão de multiplicar para 4 ou 5 outras turmas e repassarem



informações que absorveram de forma muito minuciosa, deixando cartazes informativos nas salas de aula.

Um instrutor destacou que os alunos puderam conhecer o tema mais a fundo e passaram a refletir sobre suas atitudes a partir daí. Contou o caso de um jovem que achava que não precisava ajudar nos serviços domésticos e, após a reflexão, passou a repartir as tarefas com sua mãe dentro de casa.

Outra instrutora salientou que sua turma se uniu muito mais, trocam mais experiências entre eles. Colocou o caso de um jovem aprendiz que sempre pensa quando uma jovem diz a ele que não quer e que então sabe respeitar e não insistir.

A assistente social nos disse que iria atender um caso de uma jovem que foi agredida por seu irmão em casa. Passamos o telefone da Josiane e ficou de nos reportar sobre esse encaminhamento.

Sugeriram para 2020 que: os encontros fossem mais próximos, pois as turmas possuem uma rotatividade maior (para isso a Analista sugeriu rever os contratos para evitar que a sala saia antes do término do projeto) e que o último encontro fosse com uma carga horária maior, pois foi muito corrido.

## **11. Encaminhamentos, desdobramentos, relatos e observações sobre o projeto durante o processo, realizado pelos facilitadores:**

### **Oficina 1**

Durante o primeiro workshop houve relatos de um jovem que nos causou muita preocupação e que já foi repassada para a analista do Polo. Um dos jovens relatou em uma das discussões sobre a violência contra a mulher para toda turma de forma clara: “Se a mulher morreu é porque merecia” – as meninas da turma se indignaram com a declaração do colega e se mostraram preocupadas. Outro relato do jovem na mesma oficina: “Ainda nesse ano, eu andava na escola com materiais cortantes no bolso e um dia peguei uma menina, coloquei contra a parede e apontei o material cortante contra o seu pescoço”. Quando questionado do porquê fez isso, disse tranquilamente “por nada”.

Algumas alunas nos procuraram após o encontro. Caso de jovens que necessitavam de ajuda psicológica após sofrerem violência em seus relacionamentos e/ou na família. Casos também de ajuda para as mães/parentes e amigas. Alguns meninos também relataram que já foram violentos com seus pais, padrastos e irmãos, porém através do exercício proposto, puderam refletir que realmente se excederam e perderam totalmente a razão ao fazer isso, concluindo que nada poderia justificar o ato agressivo.

Outros relatos concentraram-se principalmente em familiares de segundo grau (tia, prima) e em conhecidos, geralmente tratando de situações que já haviam terminado.



Comentários de alunos sobre adjetivos que não favorecem a imagem das mulheres durante as aulas foram devidamente pontuados pela instrutora após o primeiro encontro. Os alunos perceberam que a mudança de atitude depende de um processo de conscientização e reflexão que deve ser colocado a todo o momento, inclusive pelas meninas, para haja uma real mudança de comportamento por parte deles em relação às mulheres. E que isso é um processo, leva um tempo.

Um dos alunos parecia bem agitado e reflexivo durante o encontro e fez muitas perguntas durante a oficina. Ao final das atividades, após ter saído da sala de aula, mandou um áudio para a sua namorada perguntando se estava tudo bem no relacionamento deles porque percebeu que tinha vários comportamentos abusivos com ela, acreditando assim, que a estava protegendo.

Um aluno relatou a violência que sofreu durante dois anos em sua escola e que tocou todos os alunos, pois era um caso de gênero.

No fechamento da oficina, outro aluno deu seu depoimento de que através do relato do seu colega ele se deu conta do quanto havia sido permissivo a este tipo de violência quando estava na presença de outros amigos na escola, pois seus colegas praticavam este tipo de comentário para com outros homossexuais. Ele refletiu através do relato do jovem colega de sala, que o fato de ele estar junto com os seus colegas e permitir que fizessem comentários com os demais, ele também se tornava responsável pelas agressões realizadas. Foi impactante o momento quando se deu conta e que sua “ficha caiu” em relação a isso.

Uma jovem que nos relatou sobre o relacionamento abusivo que teve com o seu namorado. Ela contava as marcas que foram deixadas que pareciam tão aparentes e reais quanto nos dias sofridos há algum tempo atrás. Sua fala emocionada revivia as formas de violência apontadas nesse encontro. Sequelas marcadas na sua honra e na sua moral.

Como no primeiro encontro foram abordadas todas as formas de violência, tivemos a história de um jovem que saiu de casa recentemente porque sua mãe batia nele desde pequeno. Relatava marcas sofridas pela violência, que não eram poucas. Chegou a nos mostrar cicatrizes que foram deixadas. Dizia que nunca teve coragem de revidar quando era espancado. Quando questionado do porque acreditava ter apanhado tanto, disse que sua mãe acreditava que ele deveria ser sempre o melhor, nunca estava a seu contento nada que fizesse e por esse motivo o espancava, para poder aprender a ser melhor sempre.

Através desta narrativa, outros jovens se encorajaram e refletiram sobre a importância de se desconstruir o estereótipo do homem não poder transparecer sua fragilidade e nem procurar ajuda, pois a sociedade não espera isso da figura masculina. Foi muito importante para a turma perceber que todos estão vulneráveis em relação a esse tema. O grupo se reconheceu a partir desse momento.



## Oficina 2

Ao longo da oficina muitos jovens deram depoimentos de violências sofridas (especialmente as meninas) e 2 meninos deram depoimentos de terem sido violentos psicologicamente com suas namoradas e terem percebido isso através das oficinas. Vários falaram das mães que sofriam violência.

Durante a dinâmica, uma aprendiz se emocionou muito com o tema. Em conversa, relatou ter sido abusada recentemente pelo pai. O caso foi acompanhado pela instrutora e a jovem encaminhada para a assistente social. Ela, mesmo assim quis continuar a dinâmica e participar de todas atividades. Outro aprendiz, durante a apresentação do seu grupo, leu seu depoimento e se emocionou com o que escreveu: *“Eu cresci vendo o meu pai batendo na minha mãe e me tornei revoltado. Eu sentia a dor da minha mãe e me tornei angustiado. Sentia a raiva, o medo, o desespero, o choro de uma mulher que só queria ser amada. Ela só queria amor, mas tudo o que ganhou foi dor. Ao final, o amor não é nada disso que ela viveu. O amor é igualdade, é respeito, é carinho, é construção. Que sara as feridas do coração. Terminou dizendo... Enquanto vivermos uma mentalidade patriarcal e androcêntrico, haverá mais casos de mulheres que gritam por socorro”.*

Uma aprendiz compartilhou com a facilitadora, em particular, a história do relacionamento abusivo que havia vivido. Ela disse que sofria violência psicológica e, no final, física, tendo ficado com o braço roxo algumas vezes e tentado esconder da família. Disse que não percebia, na época, que aquilo era uma violência. Disse que já fazia um ano que o relacionamento havia terminado e que só agora, assistindo às oficinas do Se Liga Moçada percebeu que viveu o abuso e a violência na pele. A assistente social foi informada do caso, mas a adolescente preferiu não ser encaminhada naquele momento por não se sentir ameaçada no presente.

Uma aprendiz nos procurou para saber se o projeto poderia ir para sua Escola, pois lá há muitos jovens que poderiam se beneficiar dele.

Um relato importante de mudança de comportamento a partir da experiência com as oficinas veio de uma aprendiz. Ela havia relatado já na primeira oficina a violência sofrida por sua tia e as tentativas de ampará-la que a família vinha realizando. A adolescente compreendeu o conceito de violência, os caminhos de denúncia e a rede de atendimento e procurou conversar com a tia a fim de orientá-la e acompanhá-la. Ela se separou do marido e voltou a estudar. Neste meio tempo, descobriu que estava com uma doença grave e a advogada a orientou a aguardar para se separar para não perder o plano de saúde. A aprendiz, a partir da aula do primeiro encontro e das informações adquiridas com a facilitadora, disse que tinha enxergado novos caminhos para sua tia e iria procurar estar ao lado dela na transição do casamento para uma separação com uma possível pensão provisória. Disse que tinha entendido que a justiça não é perfeita, mas que há esperança para as mulheres que sofrem violência doméstica.

Um jovem tendo ficado reservado e apreensivo na primeira oficina, sentiu-se livre para compartilhar que seu pai agredia sua mãe quando ele era mais novo e que ele chegou a pegar uma faca para defendê-la. Depois desse dia, sua mãe se separou e agora vive sozinha com os filhos. Outro aprendiz relatou: *“Às vezes, o homem está batendo na mulher e os filhos não sabem o que fazer para ajudar, eles têm medo, a gente não sabe o que fazer”.* Foi emocionante a dramatização que um grupo realizou, colocando uma menina ao centro, rodeada de meninos e meninas; cada um simulava uma agressão a



ela, moral, psicológica, sexual, física e patrimonial. A última das meninas a abraçou e lhe disse: **“eu te acolho”**.

Em uma das turmas nos surpreendeu, pois todos os alunos haviam realizado poesias com os conteúdos apreendidos nas duas oficinas ministradas.

Um jovem ao realizar a dinâmica proposta, relatou que sua mãe sofria violência doméstica. Ela e seus irmãos viam sua mãe apanhando do seu próprio pai. Vivendo nesse ambiente de hostilidade, uma de suas irmãs desenvolveu um grau de demência e hoje é atendida pelo CAPS (Centro de Atenção Psicossocial).

### **Oficina 3**

Um caso de uma aprendiz que foi abusada pelo pai e que havia relatado individualmente ao facilitador na ocasião da oficina 2. Foi realizado um acolhimento para o serviço social do CIEE e sua mãe foi chamada. Eles estão, juntamente com elas, entrando com um processo de denúncia e afastamento do pai do lar (ele também é alcólatra).

Outro caso foi de um jovem aprendiz que havia ameaçado uma colega de sala. Nesse caso a mãe foi chamada pela assistente social do Polo, que relatou que ele tem problemas de comportamento e está passando por um tratamento no CAPS – toma remédio controlado e é extremamente tímido. Mas nesses dois últimos meses a mãe está surpresa pela interação que está fazendo com seus colegas de sala e até foi em um aniversário de um colega. O facilitador disse que durante os encontros ele observa tudo e é muito dedicado.

Durante a oficina 3, houve um relato pungente de um aprendiz contando ter sido agredido pela namorada naquela semana em uma briga por ciúmes quando estavam no McDonald’s. Mostrou marcas de mordidas e arranhões. Disse que a namorada teria quebrado sua corrente de prata e teria jogado o lanche no seu rosto. Esse relato permitiu dar vazão às reflexões sobre as masculinidades tóxicas. Ele também narrou ter se sentido ainda mais constrangido do que já se sentia ao falar do assunto com seus amigos pela reação que tiveram. Nessa oficina, a aprendiz Ana também contou que ficou surpresa ao saber que a proibição do uso de anticoncepcional caracteriza violência sexual e violência doméstica. Um outro aprendiz relatou como sente a masculinidade tóxica em seu dia-a-dia, sentindo-se pressionado a demonstrar força e frieza e inibido de expressar-se, principalmente na relação familiar. Durante a atividade em que os aprendizes se dividiram entre meninos e meninas, outra aprendiz emocionou-se ao contar que sente medo sempre que anda na rua e, quando pega um Uber, fica o tempo todo em ligação com seu namorado, só assim sente-se segura. Disse que entende que os homens fiquem magoados com as generalizações que fazemos, achando que todos são agressores. Disse que seu namorado já teve que intervir para uma moça não sofrer abuso num ônibus vazio e que gostaria que não houvesse tanta violência. Acredita que o projeto é uma forma de levar a reflexão sobre o tema. Um outro aprendiz disse que os homens precisam mudar de comportamento porque “o que um homem faz, acaba refletindo para todos os outros”.

Uma das aprendizes escreveu em seu desenho: “Recentemente consegui ajudar uma amiga a reconhecer que estava em um relacionamento abusivo. Através de exemplos e conversa não agressiva



ela percebeu que algo estava errado. Fico feliz por ela. Eu demorei a perceber que também vivia em um relacionamento abusivo”.

Alguns meninos já vinham perguntando desde o início do projeto sobre os direitos dos homens, então ficaram muito sensibilizados com o tema tratado na oficina 3. Um aprendiz relatou que, em sua casa, os papéis de gênero exigidos pela sociedade não são levados em conta, sua mãe é a única que dirige e “é muito mais rígida” do que ele. Outra aprendiz nos contou que seu pai não queria que ela trabalhasse e se surpreendeu com o bom desempenho dela nos estudos e na empresa. Ela também disse que procura desconstruir junto à família esses papéis sociais, conversa com os priminhos dizendo que não existe brinquedo de menina ou de menino e nem cores proibidas. Um outro aprendiz compartilhou sua experiência dizendo que seu primeiro impulso sempre foi resolver os problemas com agressividade e violência e que isso é naturalizado na sociedade.

Em uma outra turma, foi especialmente perceptível a dificuldade dos meninos em dizerem como querem ser tratados e em ser respeitados no grupo dos homens. Foi preciso que a facilitadora fizesse o exercício com eles, estimulando que pensassem e refletissem sobre sua condição e as masculinidades inerentes. Foi interessante observar, em quase todas as oficinas, a dor que os meninos relatam pelas generalizações e pelo medo que as mulheres sentem deles.

Um jovem nos contou que a mãe sofreu violência de seu padrasto, até que ela saiu de casa com os filhos e mudou de cidade. Ele relata que tenta sempre fazer de tudo para não repetir esse comportamento e que agora entendeu o que é e o que não é violência. Disse que procura ter muito mais diálogo com sua noiva e entender o limite dela. Disse que mudou de comportamento pelas discussões e reflexões feitas no projeto Se Liga Moçada.

Pudemos observar em algumas turmas que houve mudanças no raciocínio de alguns aprendizes em suas colocações ao falarem de machismo/feminismo e na empatia. Uma aprendiz ao expressar sobre as responsabilidades dos **PAIS** cuidarem dos seus filhos, um aprendiz rapidamente a corrigiu dizendo: mas porque você falou somente dos pais? Não seria a responsabilidade das mães também?

Nesse exemplo podemos verificar como as palavras e pensamentos estão voltados a essência masculina...quando ela falou a palavra “PAIS” era se referindo às duas pessoas: o pai e a mãe.

Foi visível observar o quanto é valioso para os jovens a abertura destes espaços para expressarem seus reais sentimentos e dialogarem mais sobre as masculinidades.

#### Oficina 4

Uma aluna que esteve presente apenas nesta última aula procurou a instrutora para pedir ajuda porque o namorado, com quem estava morando, havia batido e machucado muito ela. A instrutora conversou com ela, sugeriu que conversasse com a mãe (que a menina acreditava que a acolheria) e foi sugerido que procurasse a Jo no Bem Querir Mulher.

Um aprendiz que já havia dado seu depoimento sobre as violências sofridas pela avó e mãe por parte do avô, teve um papel bem atuante nas atividades propostas, tanto no julgamento como nas dramatizações. Assumiu o papel de multiplicador, contou sua experiência e demonstrou lembrar de todos os conceitos trabalhados no projeto Se Liga Moçada. Relata ter mudado sua visão sobre o que é



violência, o que refletiu em seu tratamento com amigas e com sua namorada, além de ter ajudado a ressignificar a experiência de violência vivida em sua família.

Outro aprendiz sempre prestou muita atenção nas oficinas, tendo participado ativamente dos debates. Após as dramatizações, relatou que mudou seu comportamento com a namorada a partir das reflexões dos encontros do projeto Se Liga Moçada, porque tinha algumas condutas que não sabia que eram violentas, achava que a estava protegendo.

Todas as instrutoras envolvidas no projeto de um Polo, relataram que foi maravilhoso e viam mudanças de conduta na sala a partir dele. Disseram que as brincadeiras dos meninos a respeito de mulheres diminuiu ou desapareceu e eles passaram a ter mais empatia uns com os outros. Disseram Tb que o assunto voltou várias vezes nas aulas, revelando que continuavam pensando no que viram e viveram depois dos encontros. Querem que o projeto aconteça com outras turmas porque ele é muito necessário!

Uma turma desse Polo está preparando um projeto para disseminação do que aprenderam para 200 jovens de outras turmas. Ainda não enviaram o projeto definitivo para análise da direção do CIEE.

Uma instrutora de outro Polo nos contou que uma jovem relatou ter terminado o namoro depois das reflexões ensejadas pelas oficinas do projeto, tendo identificado abusos, tentado conversar e mudar e, quando isso não aconteceu, terminou a relação.

Com a realização do projeto, tivemos alcances de muitas meninas e mulheres que se sentiram sensibilizadas e representadas nos assuntos abordados. Mas tivemos ainda mais meninos e homens que se sentiram no direito de lutar junto contra a violência contra a mulher. Meninos que não estão no lugar de fala da violência sofrida mas que estão dispostos a multiplicar e defender essa causa.

### **Encaminhamentos efetivos para as assistentes sociais do CIEE e Bem Querer Mulher:**

As assistentes sociais do CIEE nos posicionaram que houve alguns encaminhamentos de jovens devido ao disparador promovido pelo projeto Se Liga Moçada.

Muitas delas colocaram que o projeto promoveu sim uma quantidade de jovens que se sentiram encorajados a colocarem suas vivências sobre a violência e conseqüentemente, a buscarem mais ajuda e apoio através de encaminhamentos.

Não conseguiram descrever exatamente quantos atendidos e encaminhados realizaram durante e após o projeto, porém sabemos que atendem/acolhem até o momento alguns aprendizes, que passaram a ter um canal mais aberto com as assistentes.

Para o Programa Bem Querir Mulher, foram encaminhados e atendidos **8** jovens do CIEE, que contaram com a rede de apoio para dar seqüência ao seu atendimento, seja para um apoio psicológico mais constante e/ou mais algumas informações para ajudá-las a sair do ciclo de violência e/ou ajudar algum parente.



## **Desdobramentos do projeto:**

Durante o mês de agosto e setembro, uma turma do Polo Guarulhos, realizou um projeto de multiplicação para outras turmas não participantes do projeto. O projeto foi denominado por eles de: **Semeando Flores**.

### **Projeto Semeando Flores:**

*Objetivo:* Contribuir para a prevenção da violência contra a mulher.

A turma foi dividida em 2 equipes, cada equipe apresentou o projeto para outras 2 turmas. As apresentações ocorreram em duas salas de forma simultânea.

As turmas que assistiram receberam a incumbência de multiplicar as informações, desta forma, conseguimos contemplar cerca de 200 jovens.

*Cronograma:*

1. Apresentação do projeto - Sê liga moçada e sua importância.
2. Tipos de violência contra a mulher
3. Cronômetro da violência
4. Dados da violência
5. Lei Maria da Penha
6. *Dinâmica* - Quem já ouviu ou falou?

Solicitar que cada participante se posicione para um lado da sala ou para o outro, conforme já tenha ouvido ou falado as frases abaixo:

- Quem já julgou uma mulher por estar dirigindo?
- Cortou o cabelo? O namorado gostou?
- Se a mulher sabe cozinhar, então é pra casar.
- Tem mulher que dá motivo pra apanhar.
- Homem não gosta de mulher que bebe demais e sai muito.
- Só engravida quem quer.
- O que o homem não tem em casa ele procura na rua.
- A mulher que faz o homem.
- Mulher que não cuida do marido/namorado leva chifre.

Após a dinâmica acima, as 2 turmas foram divididas: em 1 sala ficaram as meninas e na outra os meninos.

### **7. Roda de conversa**

Tema: Apresentar fatos sobre a cultura machista e violência contra a mulher.

Ao término da roda de conversa, os meninos anotaram em uma papeleta o que gostariam de dizer para as mulheres e as mulheres anotaram como elas gostariam de ser vistas na sociedade.



8. As turmas retornaram para as salas de origem, houve a leitura das papeletas que haviam sido feitas na atividade anterior.

9. Onde denunciar - apresentação dos aplicativos e números de telefone (polícia e central de atendimento à mulher).

10. Encerramento

## 12. Aplicação de questionário para verificação de conhecimento e pensamentos sobre a violência com os jovens:

Foi realizado no início do primeiro encontro em abril, o preenchimento do questionário Marco Zero do projeto, com vistas ao levantamento da percepção dos jovens em relação aos temas que serão abordados.

O questionário foi aplicado presencialmente pelo facilitador do projeto, em formato digital nas salas de informática com acesso a internet ou nas próprias salas de aula com login do local pelos celulares dos alunos. Ao todo recebemos **1.415 respostas** que para serem comparadas com as respostas do mesmo questionário aplicado no último encontro.

Foi realizado ao final do projeto, durante o mês de agosto, o preenchimento do questionário Pós do projeto Se Liga Moçada, com o objetivo de comparar se houveram mudanças na percepção dos jovens participantes do projeto, por meio das reflexões que puderam fazer durante os encontros.

Durante o desenvolvimento das atividades, muitos alunos tiveram seus contratos de trabalho finalizados e novos aprendizes foram entrando, sem ter participado do questionário “marco zero” e nem participado de todos os encontros.

Além desse fato, os questionários foram repassados pelos instrutores aos grupos de alunos (50 turmas), e o preenchimento dos mesmos ficou para ser realizado individualmente após o término dos encontros. Em função disso, recebemos somente **417 respostas**. Esse fato comprometeu o comparativo com as respostas consolidadas no questionário inicial pelo conceito do marco zero, devido a algumas variáveis que não conseguimos controlar.

Apesar desse fato, queremos ressaltar as duas últimas perguntas do questionário on line que os alunos responderam após os encontros, pois são dados muito relevantes para a nossa análise:

**- O projeto pode ajudá-lo(a) a esclarecer sobre esse tema?**

**96,6%** disseram **SIM**

**3,6%** disseram **NÃO**



**- Espaço para colocar o que achou dos encontros e se eles o(a) ajudaram em algo. Sem sim, em quê?**

Alguns relatos:

“Ajudaram sim, pois conheço pessoas que sofrem violência doméstica. E eu conversei um pouco sobre meus encontros. Acredito que pode ajudar bastante”.

“Sim, pois sofri violência de um relacionamento de 5 anos, 2 foram maravilhosos e 3 anos um relacionamento de agressão e violência, onde um dia em uma briga com minha mãe perto contei tudo o que ele fazia comigo, e chegou a término do relacionamento onde tenho marcas no meu corpo da violência”.

“Me ajudaram a entender um pouco mais sobre isso, ajudar talvez quem necessita”.

“Sim, me acrescentou mais conhecimento em relação a esse tema, pude ter um envolvimento muito bom, e consegui compreender sobre o tema dado”.

“Sensacional, bastante informação com conteúdo real, estatísticas e dinâmicas aplicadas em sala, houve bastante impacto, e o objetivo final proposto aos jovens de transmitir a mensagem que recebemos deste projeto incrível aos demais que não tiveram a chance de conhecê-lo ficou demais. Até presenciei pessoas chorando, o que me fez perceber que pelo menos um pouco do conhecimento conseguimos passar pra frente e atingir um número legal de pessoas. E saber que tem ONGs que além da mulher, oferecem ajuda ao agressor a fim de não cometer esses atos novamente é de suma importância!”.

“Proteger as mulheres que sofrem por violência tanto verbal como física e entre outras”.

“Sim, para as pessoas pensarem que as mulheres têm sim o mesmo direito que os homens e que deve ser protegida por leis e pela comunidade”.

“Sim, a ter mais respeito com as mulheres no dia a dia”.

“Sim, a orientar as pessoas que não sabiam sobre as leis , o que fazer em situações de violência contra a mulher”.

“Sim, o projeto me ajudou, pois eu conheci muito sobre os tipos de violência, descobri coisa sobre o assunto que eu não sabia maneiras de proteger a mulher sobre o assunto e etc... muito bom..”.

“Achei lindo e muito importante para nós mulheres, sei que aos poucos conseguiremos nossos direitos”.

“Sim, me ajudou, a saber, mais sobre todas as violências e saber recorrer quando acontecer algo”.

“O projeto nos ajudou a se conscientizar sobre o assunto, e ajudou a esclarecer dúvidas”.

“Achei muito bom, conhecendo melhor o projeto sei como auxiliar uma mulher em caso de violência ou abuso”.



“Esses encontros esclareceram muitas dúvidas que eu tinha, me fez enxergar melhor a real situação em que vivemos, me ensinou coisas concretas sobre o assunto, eu posso dizer que melhorei como pessoa depois desses encontros”.

“Os encontros foram maravilhosos, descobrir várias outras formas de ajudar uma mulher que sofre maus tratos pelos seus companheiros, conheço a lei Maria da Penha, porém tem várias outras formas de ajudar, e o bom do encontro " se liga moçada" é que abre a mente dos meninos do CIEE sobre este caso e ajudam eles a entender que mulher não é objeto qualquer e que merecemos respeito, por ser nós mesmos que colocamos eles no mundo, é claro que não só existe agressão contra mulher, existe vice-versa, mas contra nós mulheres, em casos de agressão estamos em maioria”.

“O encontro contribuiu muito no conhecimento das leis e sobre todas as agressões contidas neste país”.

“Achei algo super construtivo e informativo! As informações trouxeram interesse pelo tema e a vontade de acabarmos com essas situações. O projeto nos ajudou a vermos como a violência é cruel e como muitas vezes, até nós mulheres já praticamos”.

“Gostei muito, pois me deu um ensinamento sobre o que se passa na sociedade”.

“Em me soltar, ser mais aberta em quaisquer assuntos, vontade de querer participar e dar ideias no decorrer das atividades”.

“O projeto "Se Liga Moçada" foi extremamente importante para abrir os olhos dos jovens sobre assunto tão delicado e que infelizmente acontece muito. Foi um trabalho muito emocionante, onde pude adquirir muita informação e assim repassar meu conhecimento para evitar que esses casos se repitam e saber como reagir diante dessas situações de violência. Gostaria de agradecer a todos os responsáveis pelo projeto, foi muito gratificante poder participar desses encontros. Mudou a minha vida e eu vou mudar a vida de muitas pessoas também. Gratidão. Abraços”.

“Me ajudaram muito , mudei de atitudes em relação a muita coisa” .

“Os encontros foram extremamente importantes, cheios de informações que ajudaram a turma como um todo e a saber como lidar com o assunto”.

“Sim, eles fazem com que nos possamos refletir sobre o ocorrido e possamos mudar nossa forma de pensar”.

“Ajudaram demais. E achei incrível falar sobre isso, algo que nos rodeia todos os dias. Obrigado”.

“Sim, a ter mais conhecimento sobre o assunto é mostrando novos meio de lidar com essa situação” .

“Foi incrível, me ajudou a abrir a mente sobre o assunto e ter pulso firme diante dessas situações”.

“Me ajudou a orientar pessoas que eu conheço que sofrem violência doméstica e me fez conhecer os diversos programas para combater esse tipo de violência”.

“Eu adorei. Esclareceu algumas dúvidas que eu ainda tinha, em relação a violência doméstica mesmo e além disso, me encorajou e me deu mais forças para nunca me sujeitar a esse tipo de situação e também ajudar quem sofre”.



“Maravilhoso, pelo fato de te ter pessoas dispostas a orientar e ajudar”.

“Achei muito interessante e útil. É importante falar sobre esse assunto em instituições de ensino, para que as pessoas tenham cada vez mais informações e para que casos como os citados nos encontros sejam evitados no futuro”.

“Foi muito bom, mostrou que existe lugares que ajuda a mulher que sofre de violência doméstica”.

“Todos os encontros foram produtivos e esclarecedores! Obrigada”.

“O projeto, como um todo, foi de grande ajuda para me informar sobre todos os aspectos que envolvem o problema existe. E, principalmente, como combatê-los”.

“Me ajudou muito, e me incentivou a falar para outros homens que é errado a agressão contra a mulher”.

“Gostei muito do projeto se liga moçada e vi que o projeto faz uma grande mudança na cabeça de alguns jovens que também querem a mudança. e peço que as pessoas que apostam no projeto. Continuem e de valor e força para. fazer o possível para salvar vidas. e para com os abusos contra a Mulher”.

“Sim. Encorajou ainda mais a defesa das mulheres em locais públicos e/ou privados, seja por violência física, verbal ou de qualquer outra forma. Agindo de forma consciente que não vá prejudicar nenhum dos dois. Colocando em prática todos os números e ONG’S citado no projeto. assim conservando e respeitando o sexo feminino”.

“Esse projeto me ajudou muito. Todos os encontros foram ótimos. Espero que esse projeto continue crescendo e compartilhando essas informações para mais pessoas”.

“O projeto foi muito útil e casou muito Impacto, trouxe assuntos e temas que não são falados no dia-a-dia. Este projeto tem tudo para dar certo e gostaria muito se ele continuasse. desde já, agradeço por ter participado, pois me trouxe muitas informações como intervir em nesses casos e por conhecer alguns programas contra este tipo de violência”.

“O projeto ajudou a melhorar as minhas atitudes”

“Os encontros foram de suma importância, pois nos alertou e nos educou de certa forma para que possamos recorrer aos meios certos e entender a importância da prevenção antes que aconteça e depois que aconteça seja dado um basta para não ocorrer algo mais grava”.

“Esses encontros mudaram as minhas perspectivas e todos deveriam conhecer mais, pois esclarece muitas coisas e quebra barreiras”.

“Foi maravilhoso, aprendemos demais com o programa”.

“Gostei dos encontros, achei muito importante trazer para os jovens esse tipo de encontro, as dinâmicas sobre cada tipo de violência que já sofremos, foi bom. Saber quais são os tipos de violência contra a mulher. Deixou nós bem mais observadores para quando um dia vemos alguma briga de casal tipo: homem tento diminuir uma mulher. As leis, as interações e o projeto. Parabéns! Ótimo projeto, obrigado por compartilhar com nós”.



“Me deram força em ser como sou, e entender que existem coisas que não são normais em acontecer. Carmem, obrigada”.

“Sim, ajudou como orientar mulheres que sofrem violência ou estão em um relacionamento abusivo, e conheci alguns projetos para ajudar estas mulheres que precisam de um apoio”.

“O programa ajudou muito, a falar sobre um tema tão delicado e que ainda é pouco discutido no nosso país, onde muitas mulheres sofrem e morrem. Ajudou a entendermos e também as pessoas que passam por isso em sua família como fazer para ajudar”.

“Me ajudaram a observar certos comportamentos dos homens que podem indicar que ele será, ou é um agressor, como as características de masculinidade exageradas, diminuir a parceira. Essa percepção ajuda a intermediar uma solução para essas mulheres, como observar, descobrir o problema e planejar uma intervenção que não ofereça risco a mulher e seus dependentes (filhos, menores de idade)”.

“Além dos projetos de ajuda a mulher, como o Se Liga Moçada, entre aplicativos do Play Store apresentados pela Carmen, para denúncias de agressões, um que me lembro bem é o de uma jovem, que criou um app que é como uma comunidade para mulheres, em que elas podem alertar em tempo real as demais usuárias sobre agressores, assediadores e suas localizações. Ideia fantástica!”.

“Já que podemos entender a complexidade desses casos, nos foi passado muitos meios de denunciar esses casos, lembro do número da Guarda Municipal Metropolitana (153), lembro que a GCM leva as mulheres até a Delegacia da Mulher se for necessário, diferente da PM (190), que possui um determinado local para andar, e as vezes não tem uma delegacia da mulher próximo... Isso dificulta muito a realização de um B.O, pela falta de locomoção e até mesmo vergonha da mulher em sair machucada nas ruas para procurar ajuda”.

“Depois desse projeto, posso afirmar que sou um Reprodutor de Apoio às mulheres! Como incentivado pela Carmen, repassarmos essas informações de ajuda para nossas comunidades, ajudando pessoas a terem uma vida melhor!”.

“Se liga aí homens, valorizem suas mulheres”.

“Sim, pois com os encontros, descobri uma forma sutil e assertiva para poder ajudar quem sofre desse tipo de violência, e também poder entender o lado das mulheres, como elas se sentem em situações diárias, e não apoiar ou “simplesmente” ficar quieto diante de tal ato, seja ele físico, psicológico etc”.

“Vi projetos que realmente ajuda as mulheres, é acredito que se crescessem mais, hoje muitas mulheres viria o que passa que atualmente na vida dela se considera algo "normal" de uma forma que possa estragar a vida delas. O projeto se liga moçada fez muitas jovens olha de outro ângulo as perceptivas de sua vida em um relacionamento. Já sofri agressões no meu antigo relacionamento que chegaram a ponto de serem físicas, se tivesse sido orientada antes, talvez descobrisse no momento que começou as gritaria, que naquele tempo achava que ele só estava de cabeça quente, não chegaria ao meu maior trauma de ter medo de me relacionar novamente, após muito tempo depois que consegui conhecer uma pessoa que hoje já sei como agir de tal forma”.

“Me ajudaram muito, por que muitas vezes não sabemos se estamos em relacionamentos abusivos, se devemos ou não ajudar quem sofre com isso, e o projeto também é muito importante para orientar



homens e acabar com a cultura machista, então esse projeto mexeu muito comigo e foi muito importante pra mim e para o meu conhecimento e dia a dia”.

“Sim, me fizeram perceber que vivemos em uma cultura tão machista que muitas vezes uma agressão, seja ela de qualquer tipo, é tida como algo normal. Isso não é normal e não podemos mais aceitar como se fosse. Entendi também o quanto é difícil para uma mulher vítima de violência, sair dessa situação e o quanto devemos apoiar-las. Aprendi a identificar o ciclo da agressão o que me ajuda a olhar de uma forma mais crítica para os relacionamentos. Esses foram alguns pontos de muitos que com certeza aprendi, levarei comigo e divulgarei. Precisamos mudar essa situação e lutar por nossos direitos, pela nossa segurança, pelo respeito e igualdade, para assim garantirmos um futuro melhor, não só para mulheres, mas para todos”.

“O projeto me ajudou abrir os olhos para a realidade e mostrar que a violência está muito perto e não podemos fingir que não existe”.

“Ajudou muito, aprendi a compreender os dois lados da situação, e conheci muitos programas que podem ajudar a vítima e o agressor”.

“Os encontros foram maravilhosos, aprendi a forma correta de agir e de ajudar tanto a mim como outras mulheres a se defenderem das violências”.

“Amei os encontros, sempre bom adquirir essas informações, ainda mais nos mulheres que sempre sofremos”.

“Foi um ótimo aprendizado, pois eu achava que conhecia a lei Maria da Penha e percebi que não era tudo que eu sabia! Aprendi todos os tipos de violência e o melhor como interromper uma briga por diversas formas e aplicativos interessantes”.

“Muito enriquecedor para minha formação, uma semente foi plantada e será cultivada, por eu ser homem, me fez refletir muito sobre o que é machismo cultural, enraizados, trazendo a mudança para mim”.

“Acredito que o projeto deveria ser reformulado, afinal, a violência é um fenômeno social, englobando tanto homens quanto mulheres. Notei muito apelo sentimental e falta de cuidado com gatilhos mentais em temas que são delicados. A pesquisa também é apelativa para apenas um lado, induzindo uma resposta sem dar espaço para que se possa explicar o porquê. Claro que, considero projetos sociais importantes para conscientização, mas para mim eles perdem totalmente o sentimento quando tomam um caráter vitimista e apelativo, ao invés de proporcionar conscientização, como é o esperado. Espero que no futuro o projeto possa abranger homens também, e alcance o objetivo inato de atitudes em prol de uma "sociedade" melhor”.

“Eu achei muito importante, gostei muito”.

“É legal para educar os jovens sobre opiniões corretas e erradas, tendo ajudado a diminuir o caso de violência contra a mulher”.

“Acredito que os encontros só deixou mais notório do quanto ainda devemos lutar pelos direitos das mulheres, em continuar sempre uma apoiando a outra e nunca desistir!”.



“Os encontros do projeto foram muito amplos para nos mostrar a importância deste tema em específico. Além disso, o assunto deveria ser tratado em vários ambientes, em relação ao respeito sob as mulheres se a sociedade tivesse pronta para a quebra do patriarcado e ver que as mulheres são seres humanos tão a frente como os homens, talvez grande parte dos conflitos diminuiriam...”.

“Sim, com os encontros aprendemos mais sobre os tipos de violência. Que até então não eram totalmente claros e não eram de conhecimento geral. Sinto que a sala inteira evoluiu e aprendeu com a educadora do projeto. E no final dos encontros, ainda tivemos a oportunidade de passar o que aprendemos para os demais jovens que não tiveram a oportunidade de participar do projeto”.

“Mais jovens deveriam ter acesso a esse projeto, pois muitos não sabem o que realmente acontece com essas mulheres, e não sabem o bem que pode fazer a elas se tentarem ajudar. Temos que mudar essa sociedade machista que acha que submissão é ser escrava, ser um objeto, ser uma empregada e não uma companheira em busca dos mesmos sonhos e planos”.

“Ajudou a espalhar a minha mente nesse quesito violência contra a mulher, abriu não só os meus olhos como minha cabeça de forma abrangente”.

“Experiência maravilhosa que contribuiu para um pensamento diferente”.

Como pudemos observar nos percentuais, os jovens consideraram muito importante esta experiência e irão levar essa nova atitude frente a questão da violência contra a mulher para a sua vida.

Muitos descreveram que puderam “abrir a sua mente” para essas questões que envolvem basicamente a nossa cultura e educação. Entenderam que só será possível haver mudanças quando revermos as nossas atitudes e conseguirmos nos posicionar diante dessa questão com os demais que convivemos.

O projeto por ser “vivo”, continua a reverberar nos alunos atitudes e reflexões trazidas nas discussões em sala de aula e nos “confrontos” naturais entre eles.

Trata-se de comportamentos que após o projeto foram percebidos pelos instrutores como uma “mudança” de olhar, um cuidado maior com o outro e uma empatia, fazendo com que o grupo se respeitasse, ouvisse e considerasse mais as opiniões dos demais da turma.

Um instrutor ainda colocou que a turma passou de querer se reunir somente com as “panelinhas” a querer fazer grupos com todos da sala, permitindo assim, um contato maior com os demais.

### **Considerações finais:**

O Projeto Se Liga Moçada pode abranger em 2019 um total de **4.744** jovens aprendizes do CIEE impactados com o tema sobre a violência contra a mulher:



### Quadro Geral de jovens impactados pelo projeto (diretamente e indiretamente)

POLOS	Média de jovens atendidos diretamente pelas oficinas (média dos meses de abril, maio, junho e julho)	Número de jovens atendidos indiretamente através das multiplicações dos conteúdos (números aproximados)	Número de jovens que assistiram as apresentações Teatrais	TOTAL DE JOVENS ATENDIDOS POR POLO
Bacelar	131	150	-	281
Barueri	185	210	-	395
Butantã	138	250	-	388
Campinas	156	180	-	336
Guarulhos	157	180	-	337
Jundiaí	134	120	-	254
Liberdade	151	230	-	381
Osasco	237	210	-	447
São Caetano do Sul	119	300	105	524
Brasília	-	-	230	230
Cotia	-	-	65	65
Manaus	-	-	210	210
Mogi das Cruzes	-	-	150	150
Ribeirão Preto	-	-	75	75
Salvador	-	-	300	300
São José do Rio Preto	-	-	71	71
São Paulo	-	-	300	300
<b>TOTAL</b>	<b>1.408</b>	<b>1.830</b>	<b>1.506</b>	<b>4.744</b>



Acreditamos que o Projeto Se Liga Moçada atingiu seus objetivos em 2019 e superou nossas expectativas, pois os jovens se apropriaram tanto dos conteúdos trabalhados que ecoou para seus familiares e amigos.

Repassaram o que foi apreendido e mudaram seus comportamentos em prol de pessoas vítimas de violência como também estão mais atentos à qualidade de seus relacionamentos, em dialogar mais antes de agredir e de evitar pré-julgamentos.

Lidando com a prevenção, podemos evitar comportamentos futuros e também a banalização da violência, uma vez que os índices são muito maiores do que os divulgados pela imprensa oficial.

Apesar dos dados alarmantes, muitas vezes, essa gravidade não é devidamente reconhecida, graças a mecanismos históricos e culturais que geram e mantêm desigualdades entre homens e mulheres e alimentam um pacto de silêncio e conivência com estes crimes.

Toda mulher pode sofrer violência, uma vez que, no Brasil, o processo social, histórico e cultural naturalizou definições das identidades do masculino e do feminino que, carregadas de desigualdades, contribuem para que as mulheres estejam mais expostas a certos tipos de violência, como a doméstica e a sexual.

Desmontar a lógica do raciocínio e prática que imperam na nossa sociedade, gerando informação, reflexão e, sobretudo a mudança de atitude frente ao tema da violência contra a mulher era o tripé de sustentação da razão de ser do projeto Se Liga Moçada e como demonstrada neste relatório, este objetivo foi alcançado tanto junto aos aprendizes como em relação aos instrutores.

Foi uma unanimidade entre os jovens e as equipes dos Polos a importância do projeto e a necessidade de sua continuidade em 2020, atendendo a mais jovem, capacitando mais instrutores, promovendo a transformação do olhar e do comportamento de todos do CIEE em relação à questão da prevenção a violência contra a mulher.

“Não é a violência que cria a cultura, mas é a cultura que define o que é violência. Ela é que vai aceitar violências em maior ou menor grau a depender do ponto em que nós estejamos enquanto sociedade humana, do ponto de compreensão do que seja a prática violenta ou não”.

*Luiza Bairros, doutora em Sociologia pela Universidade de Michigan e ex-ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República (Seppir).*

